

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
CAMPUS BAIXADA SANTISTA  
INSTITUTO SAÚDE E SOCIEDADE  
SERVIÇO SOCIAL

KIDAUANE REGINA ALVES

**(Re) percussão popular**  
**O que se move quando a arte toca.**

SANTOS  
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
CAMPUS BAIXADA SANTISTA  
INSTITUTO SAÚDE E SOCIEDADE  
SERVIÇO SOCIAL

KIDAUANE REGINA ALVES

**(Re) percussão popular**

**O que se move quando a arte toca.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),  
apresentado ao curso de Serviço Social,  
como requisito parcial para a obtenção do  
título de Bacharel em Serviço Social na  
Universidade Federal de São Paulo –  
UNIFESP, campus Baixada Santista. Sob  
orientação do Prof. Dr. Marcos Ferreira de  
Paula.

SANTOS

2019

Ficha catalográfica elaborada por sistema automatizado  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A474r      Alves, Kidauane Regina .  
Repercussão popular: o que se move quando a arte  
toca. / Kidauane Regina Alves; Orientador Marcos  
Ferreira de Paula. -- Santos, 2019.  
65 p. ; 30cm

TCC (Graduação - Serviço Social) -- Instituto Saúde  
e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, 2019.

1. Arte. 2. Alegria. 3. Potência. 4. Coletivo. 5.  
Comum. I. Paula, Marcos Ferreira de , Orient. II.  
Título.

CDD 361.3

Bibliotecária Daianny Seoni de Oliveira - CRB 8/7469

**KIDAUANE REGINA ALVES**

(Re) percussão popular

O que se move quando a arte toca.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado ao curso de Serviço Social, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Serviço Social na Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, campus Baixada Santista. Sob orientação do Prof. Dr. Marcos Ferreira de Paula.

Aprovação em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

EXAMINADORES:

---

Ana Maria Ramos Estevão – leitora

---

Nathália Franco Macedo – leitora

---

Prof. Dr. Marcos Ferreira de Paula – orientador

à *Cirlande*  
minha mãe e mulher da minha inspiração

ao *Osmar*  
meu pai e homem do meu sorriso

à *Ana Flávia*  
minha irmã e menina de todo meu amor

ao *Marcos*  
meu orientador e sujeito da minha admiração

ao *Instituto Camará Calunga e Grupo Percussivo Afro- Calunga*  
pessoas da minha alegria

## AGRADECIMENTOS

Um corpo existe e se regenera na interação com outros tantos corpos, assim, a construção de corpos humanos se dá de modo íntimo com a produção afetiva que resulta dessa dança relacional. Este corpo que consagra meu espaço físico no mundo fora presenteado com distintos corpos que no decorrer do tempo ressoaram e se uniram a mim em concordância existencial e por isso sou grata: a vida que habita nos corpos que, junto ao meu, tecem os fios que nos conectam.

À minha família: mãe, inventora da resistência, persistência e sabedoria que ultrapassam as dificuldades. Mulher que me ensina sobre a força que reside na delicadeza e paciência, você é infinita. Pai, homem da terra, do sonho e do humor, levo comigo a graça como ferramenta útil para os caminhos enrolados da vida. Irmã, menina que cresce e meus olhos perdem no tempo, tamanha a velocidade com que você tem mudado a cada ano. Torço pela sua vida e aprendo de um jeito por vezes torto como contribuir para que os encantamentos cheguem a você, fortalecendo seu corpo para os processos dolorosos que também chegam. Admiro a rebeldia que sua boca grita, aprendo com você a respeitar meus desejos à medida que você reivindica os seus. Os amo com a memória, lugar onde o eterno faz morada. Aos meus amigos, em especial, Márcio dos Santos Jr., companheiro da minha vida, de longa jornada e constatações afetivas de amor e cuidado. Luana Cardozo, companheira de esforços e partilha das dores e graças dessa trajetória. Maíra Nobre, amiga que me conduz ao sensível em meio às asperezas cotidianas. Laiany Lara, parceira de ombros, ouvidos e corpo total. Elisa Alves, mulher que me mostra nos desafios da vida material os fundamentos de pessoa de fibra e firmeza visceral.

Ao Instituto Camará Calunga pelos ensinamentos a partir da experiência que é compor e construir uma coletividade. Aos componentes do Grupo Percussivo Afro-Calunga, vocês enchem as minhas reservas de alegria. Aos trabalhadores e trabalhadoras da Universidade Federal de São Paulo, entre eles, meu orientador Marcos Ferreira de Paula, que impulsiona uma condução afetiva na busca de um saber filosófico que reorienta nossos valores e a vida como coisa inteira, extensa e preciosa. À Marina Guzzo,

que com seu jeito de construir uma relação atravessada pelo fazer educacional, consegue produzir sensações de confiança e respeito que elevaram a potência das minhas ações e pensamentos. À Ana Maria, que nesse percurso pude recorrer nos momentos de angústias profissionais e medos assustadores, com carinho afagou-me e meu corpo se acalmou com os anseios dessa trajetória por meio da sua disponibilidade e cuidado. Por fim, à Rosana Bochi, em conversas abraçou-me de zelo para que eu continuasse.

A palavra é uma das linguagens possíveis para expressar os afetos, mas que não condensam as dimensões pelas quais nos criamos, reinventamos, regeneramos e vivemos na mistura dos signos, vetores, sentidos e afetos que constroem esse plano do possível. Sou grata.

*Viver juntos é, tão somente, adiar o fim.*

*João Fiadeiro e Fernanda Eugénio*



## RESUMO

O comum atravessa e constrói pontes. Essas pontes inconcretas do que é matéria, mas vivas através da própria experiência, se confluem em narrativas personificadas na singularidade de cada um, contudo sob um terreno: o terreno que é comum a todos e que todos o integram. Esse terreno comum diz respeito aos lugares afetivos que se habitam a partir das teias construídas no seio da produção da coisa em si, neste terreno em que se dão os tênues fios que se conectam a partir da vivência artística conjunta. Esse lugar é feito de movimento, e é, também, o próprio movimento. Mais ainda, é um lugar onde não há portas, paredes e janelas, mas sim, o campo da experiência grupal fundida e que resulta em algo que não se toca, mas que é de todo mundo. Este trabalho busca discorrer a partir das narrativas de adolescentes integrantes do Grupo Percussivo Afro-Calunga, componentes do Instituto Camará Calunga no município de São Vicente no estado de São Paulo, os afetos produzidos e incumbidos nessa experiência que contribuem para construção da vivência e fazer coletivo inaugurando espaços de partilha do comum. Pensando o que a arte percussiva pode proporcionar nos termos de experimentações de modos de estar no mundo. Pensaremos por meio da percussão popular a produção de afetos de alegria. Identificando a partir do ressoar artístico da alegria as reverberações subjetivas no que tange a elevação da potência (segundo Espinosa) dos sujeitos para construção e manutenção de uma coletividade.

## PALAVRAS-CHAVE

Arte; Alegria; Potência; Coletivo; Comum.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	<b>11</b>
O chão da vida	
<b>Capítulo I</b>	<b>18</b>
A natureza infinita	
<b>Capítulo II</b>	<b>39</b>
Modo-gente e os afetos	
<b>Capítulo III</b>	<b>43</b>
Dá volta ao mundo, Camará!	
Companheiros de luta e o Grupo Percussivo Afro-Calunga	
<b>Considerações Finais</b>	<b>60</b>
<b>Referências</b>	<b>65</b>

## **O chão da vida**

A restinga – vegetação que consolida a base necessária para estabilizar o mangue – virou rara onde era abundante. Aqui a estabilidade é alvo de ambição da fauna, flora e da gente. A natureza que se mostra desgastada é viva e indica também a natureza da qual desaguam o crescimento de seus modos. Modos da natureza: mangue, rios, modos com pés que pisam a restinga, a capoeira. A história que lhes conto é sobre nascimentos, sobre ser-modo a partir da experiência da existência que é o fenômeno absoluto da vida. Essa história é sobre as raízes das árvores que mostram de onde viemos e sobre o tronco que constitui a coluna vertebral que nos sustenta para o ato de realizar, é sobre os galhos que cortam o ambiente e se constrói em lugares constantemente criados, vividos, desvendados, sentidos, lugares de afeto que são inaugurados a partir da ligação de ações e de intenções.

Quem me pariu foi o ventre de um manguezal<sup>1</sup>. Meu ventre vivo é rico e criativo, deu vida a maguaris, garças, socós, caranguejo de nome maré ou maria mulata e esses são só os que vivem na água. Do ventre terrestre tem tamanduá, mão pelada, capivara. São modos terra que pulsa e de onde emana raiz profunda, cria tronco forte, dá liberdade para crescer com os galhos pr'onde bem quiser. São modos água que consagram o maior útero do mundo.

O mangue é conhecido como a barriga do mar, pois é ali onde se realiza a reprodução de espécies marinhas, é também o ecossistema mais fértil do planeta sendo o ponto de encontro de águas doce, salgada e a terra formando a qualidade de água salobra – onde há mistura de aspectos distintos de moléculas polares (o que mantém ligação entre átomos para conjunção de uma forma única) – característica das áreas de manguezais.

O mangue é o que forma um estuário, lugar em que se sente a relação direta da influência da maré mudando seus níveis a cada fase lunar e onde reside o final do ciclo da

---

<sup>1</sup> Referência de composição da frase: YÁ Yá Massemba. Intérprete: Maria Bethânia. Compositores: Jose Carlos Capinam e Roberto Mendes. *In*: BRASILEIRINHO. Intérprete: Maria Bethânia. [S. l.]: Biscoito Fino, 2003. 1 cd, faixa 2 (4:16 min).

água doce, juntando-se com a água salgada do oceano – isto é uma região estuarina. Cada parte gera efeito sob cada corpo. A maré subindo e descendo faz transitar as modulações do ambiente onde plantas, bichos e todos os seres existentes se adaptam e adquirem as características necessárias para sobrevivência. Isso é um ecossistema: conjunto de trocas e agenciamentos de cada elemento em relação num campo determinado, tudo é relação com tudo. Tudo cresce e precisa desenvolver maneiras de ação, reação e tecimento de si em um contexto pré-existente a sua inauguração no mundo. Entre os rios Mariana e Piaçabuçu que desaguam da Serra do Mar, habita o útero que me entregou à vida.

No entorno das margens dos rios e mangues me criei e fui criada. Aqui fui gerada por terra e por água. No rio aprendi a nadar, no chão aprendi a pisar, nos bichos que se parecem comigo aprendi o feio e o bonito. Desse lugar é que emana tudo o que eu conheço e tenho amor: gente, tambor e natureza. Eu sou uma personagem: minhas raízes lembram de onde eu vim e quando movo meus pés sob a terra sei por onde já caminharam. Meu tronco na coluna vertebral é onde pulsa desejo e vontade, com meus braços-galhos agarro a vida, na cabeça folhas e flores, florescem e morrem a cada estação. Sou eu modo gente-natureza, distinta, mas inseparável do Universo infinito.

Na memória dessa história residem contos de ancestralidade. Ancestral é quem antecede o mundo e nos lembra de um dos contos que lhes conto, o que diz sobre os ancestrais que vagam por essas terra, pois, ao morrerem, retornam para as raízes das árvores que no mangue são de dentro e pulam para fora, preenchem as superfícies. As raízes têm os olhos da ancestralidade que acompanham tudo que existe. Por vezes o ancestral salta das raízes e aparece em brilho e tem a forma de energia, trazem os ritmos dos tambores feitos de extratos da natureza, tem sons de vozes que cantam músicas que eu ainda sei, ainda canto, ainda lembro. Eles são invocados nas festas de alegria que nós sabemos como fazer, mas também nos acolhem nos clamores de desespero. No quintal de minha casa lhe presto culto e louvores, que é a forma pela qual podemos cantar, tocar e dançar em comunhão; assim eles me ajudam a contar essa história.

...

No recorte da grandeza do todo absoluto, mostro-me nessa cidade litorânea: meu corpo solo, rio e mangue fora surrado em processos de degradação e tristeza. Me conto

localizada no que brancamente chamam "a primeira vila do Brasil", corpos tupi-guaranis aqui criavam-se a si e sinto em memória e magia, seus olhos atentos em cuidado a tudo que se passou desde a chegada de seres sem zelo – subordinando gente e natureza aos seus desejos ganantes – até aqui e agora.

Apesar das surras de degradação em minhas águas, ainda gero vida. A infertilidade não se apoderou por completo entristecendo meu corpo pela não realização de sua qualidade que é gerar vida, muito porque, a vida se adapta e cria rotas de reinvenção: consigo ser abrigo para reprodução e desova das aves, ainda alimento peixes e crustáceos e por isso residem os traços da alegria.

Em um salto histórico, me ponho a narrar épocas em que homens inventaram nomes para a ação de recortar nosso corpo natureza delimitando em linhas imaginárias o que conceituam por *território*. Aprendi pela observância do tempo corrido que homens ao subordinar a natureza tendem a inventar nomes para as coisas e assim poder chamá-las de sua. O homem inventou a si e inventou que a natureza era sua propriedade – outro nome-conceito criado depois da chegada dos seres sem zelo –, depois disso me olhou com outros e novos olhos. O homem submeteu a natureza aos seus desejos e por isso não se entende como parte do desejo da natureza, grande e triste paradoxo.

Nesse meu recorte, em meados de 1950, a terra servia de quarentena ao gado que esperava sem saber da espera, o seu abate. Nesse período as movimentações que orbitavam sob esse território eram o da expansão do Pólo Petroquímico e Siderúrgico de Cubatão, São Paulo (um pedaço de terra de nome inventado), nesse polo foram implementadas indústrias de fertilizantes e agrotóxicos gerando lixo químico que precisavam ser escoados para algum lugar. Alguns homens encontraram a solução para o problema que eles criaram: escoaram todo o lixo mortífero para o lugar onde habito, converteram a habitação rica de vida numa dominação deteriorante.

Esse crime ambiental, cometido pela multinacional francesa Rhounê-Poulenc, através de sua subsidiária no Brasil, Rhodia S/A, levou a contaminação do solo, dos rios, do lençol freático, da fauna, flora e de toda uma cadeia alimentar, comprometendo a utilização dos recursos naturais da região. (OLIVEIRA, 2003, p. 14)

Organoclorados, hexaclorobenzeno, pentaclorofenol. Esses são venenos que foram incorporados a nossa natureza pela intervenção danosa das grandes indústrias

construídas pelo povo da mercadoria. A partir da década de 1980 houveram decretos atestando que o estado era de calamidade pública e toda a área foi interditada, sendo proibida a construção de novas habitações na área de depósito de lixo químico. Impossível conter toda a gente que pulsa a sobrevivência. A velocidade das ocupações do solo se deu de maneira urgente: moradia, comida, trabalho, reprodução, a vida pujante, o povo existente. Final da década de 80 a abertura dos anos 90, as chácaras de outrora vão se reconfigurando, o espaço precisa se reordenar à nova lógica necessária para caber tantas vidas, o contingente que chega.

O fenômeno da migração constrói um lugar feito de novos braços, novos passos, em sua maioria corpos nordestinos, trazendo em suas malas os saberes rurais e as saudades sertanejas. A política agrária não endossada em prol da industrialização brasileira ativou um caminho: a população rural busca os grandes centros na expectativa de emprego agora que o campo não lhe é mais o sustento material, os grandes centros não comportam os corpos e esses se deslocam às áreas que contornam a centralidade econômica: as periferias; o espaço das múltiplas vidas exigentes da tarefa incumbida a cada singularidade: realizar existência.

Os homens da mercadoria reordenaram todo fazer da vida. Agora não se pode mais plantar e nem colher o alimento da terra, pois ela não é mais nossa, nossas mãos não cuidam mais da terra porque homens da mercadoria ataram-nas a suas máquinas e ao trabalho assalariado. Da roça tiraram todo o cuidado e nas indústrias empregaram os lamentos rurais, o contato com as sementes era agora em milhares de milhões ensacoladas em containers, navios e caminhões rumo ao para longe.

A travessia é árdua e a nostalgia vira parte do corpo como mãos que trabalham. Depois da viagem, de malas, saberes e saudades: a parada. A espera que é o tempo que se dilata e escorre em outra frequência, possibilita o corpo que repara. (Re) parar é se cristalizar e então poder olhar de novo. A qualidade do que é novo precisa de tempo de parada, para olhar e recriar caminho e sentido.

A paisagem habitada se transfigura nas frações do tempo que passa. Formada de tantos elementos, existe o tempo em variadas noções. O tempo atravessa uma vida, formando paisagens: há o tempo histórico, cuja matéria da construção do tempo são os

acontecimentos que marcam alguma alteração num plano dado, trazendo figura a essa paisagem. Há o tempo que é de passagem, que faz do novo, velho: o corpo, a matéria.

O tempo imagético é o que opera junto à memória, onde reside lembrança e criação, tempo que não se alia à cronologia dos ponteiros, mas que cria conexão com o mundo dos sonhos, das imagens, da fabulação do que é real, da verdade do que é inventado. O tempo como ponte faz juntar a memória – a memória é uma ação ativa, pois ao acessá-la se recriar um lugar ainda que seja buscando conservá-lo como é, sendo assim órgão enérgico no corpo, na memória há pulsão de invenção de realidade, criação de paisagem. Contudo, aqui o tempo é contado e subordinado ao ponteiro da ganância empresarial e mercadológica. A imaginação, fabulação e criação parecem por vezes assim subordinadas. Sonha-se com o conhecido e se vocifera as recordações do que foi e o que tem sido agora.

A paisagem da Área Continental de São Vicente, litoral sul de São Paulo, de um determinado tempo fora construída através de uma porção de corpos que chegam aos poucos e depois aos montes nessa região mangueada e estuarina. Antes do ano de 1985 haviam poucos residentes na região e um decreto é aprovado, visando a preservação ambiental ao proibir a destruição das áreas de mangue, encostas e cursos d'água como também o planejamento urbano de construção de moradia. Contudo, tendo a ponte que liga o continente com a área insular da região inaugurada, a população chega rapidamente e a região não têm infraestrutura para recebê-la, ao passo que todo o ambiente já fora contaminado pelo lixo químico das indústrias da cidade vizinha (OLIVEIRA, 2003, p. 13).

Rua Salvador, Rua Bahia, Rua Ilhéus, Rua Camacã, Rua Iaçú, Rua Jacobina, e toda a Bahia que não lhe saiu do pensamento<sup>2</sup>. É a reconstrução da memória em novo solo, mas no mesmo juízo. Por ação sintonizada à necessidade, se alterou o relevo, a vegetação. Das dunas que constituíam aquele terreno, extraíram a matéria necessária para aterramento do mangue e da restinga para construção das casas. As ruas que levam os nomes dos municípios do estado baiano foram escolhidas pelos sujeitos que abriram trajetos de passagem com pás, enxadas e carrinhos de mão, batizando esse novo caminho

---

<sup>2</sup> Referência de composição da frase: Na Baixa do Sapateiro. Intérprete: Caetano Veloso. Compositor: Ary / Barroso. In: Livro. [S. l.]: 1997. 1 cd, faixa 13.

com o nome das cidades das quais saíram em retirada, em critério de urgência se configuram moradores da terra de outro lugar. No espaço em que reconstituíam a vida não havia luz e os candeeiros e lamparinas eram responsáveis por clarear a escuridão. Tal qual a fogueira que era também a desculpa para aglomeração e comunhão em volta do fogo que aquece e ilumina.

Data-se a partir da década de 1990 a chegada populacional, havendo então um movimento de ocupação da região liderado por representantes como Antônio Carlos Silva, o “China”, e José Alves de Barros, o “Maguila”. “No início as terras eram distribuídas gratuitamente, mas logo começaram as cobranças de taxas de melhorias”<sup>3</sup>.

O primeiro posto de saúde foi inaugurado em 1994 “com recursos da organização não governamental espanhola Manos Unidas” (OLIVEIRA, 2003, p.17), verba angariada por uma instituição católica em relação com a Prefeitura de São Vicente. Até 1994 o poço d’água ficava perto da linha do trem e com baldes sob a cabeça a população abastecia a casa e o corpo das precariedades ali circunscritas, neste ano a SABESP instalou duas caixas d’águas que eram preenchidas duas vezes ao dia havendo ocasiões em que o trabalho não era realizado. “Somente em 1997, o Governo do Estado, após muitos protestos da população, implantou a ligação de água encanada”<sup>4</sup>. Em 1993, a primeira creche da região é inaugurada a partir dos recursos angariados do processo de ocupação pela Sociedade de Melhoramentos do bairro, e em 1996, a primeira escola de ensino fundamental, cessando a andança de quilômetros que era necessário até a escola mais próxima para moradores do bairro Quarentenário e Vila Ponte na Área Continental de São Vicente. Em 2002, a escola EMEF Prefeito José Meirelles é inaugurada suprimindo a demanda do Ciclo II do ensino fundamental, que até então não havia (OLIVEIRA, 2003, p.17 e 18).

No tempo que se demora a vida toma nova forma, misturam-se oxes e oxentes, uais e força. Se recriar para reviver é habilidade de quem compreende visceralmente que a sobrevivência é a sede de existir somente. Na existência nordestina em solo sudestino residem folguedos e toadas que pertencem à memória e que se expressam no comum

---

<sup>3</sup> OLIVEIRA, 2003, p.15.

<sup>4</sup> OLIVEIRA, 2003, p. 16 apud VILA PONTE NOVA INSTITUIÇÃO PROMOCIONAL, S/D



imanentemente, o corpo faz a vida sem precisar de nome de gracejo, o corpo diz *sem pantim*<sup>5</sup> nenhum.

---

<sup>5</sup> Expressão pernambucana que significa “sem frescura”.

## A Natureza infinita

Omama, Olorum, Nhanderu, Tupã, Deus. De tantos nomes que podem ser usados para descrever a noção do que eu posso ser, escolho Natureza. Quando lerem o nome que aqui escolho para que associações possíveis possam ser realizadas na expectativa de compreensão do conto que lhes trago, entendam Natureza como o outro nome do Infinito porque ele é o que mais se aproxima da ideia de minha essência. Contudo, a tentativa de dizer-me deturpa a minha infinita abrangência, ainda assim tentarei traduzir-me para que eu me conte em texto o que sei da vida. O que sei é infinito porque assim sou e por isso não caibo na pretensão das palavras. Mas aqui me ponho a partilhar parte dos segredos entranhados em minhas vísceras de Natureza.

Como Natureza sou ente absolutamente infinito<sup>6</sup> e realizo-me por pertencer a mim o existir necessariamente. Existo, pois, é a isso que compele a minha essência, e pôr à minha essência pertencer o existir necessariamente, sou por causa de mim própria, *in se*, não sou em causa e efeito em outro, *in alio*. Todos os efeitos têm fundamento em uma causa originária, se Natureza fosse efeito e não causa de si então sua causa estaria em outro, e para este outro teríamos de buscar a sua causa – em si ou em outro –, e assim ao infinito – *regressum ad infinitum* –, por isso a Natureza que aqui se expõe têm causa e razão de existir em si mesma, assim sendo uma substância única e indivisível, eterna e infinitamente existente. O que é finito têm sua limitação conjugada a partir do contato com um outro algo maior que seja de seu mesmo gênero; não há outra substância maior que a Natureza para que haja limitação de sua existência, não há outra essência que não a potência uníssona da Natureza infinita.

Minha essência realiza necessariamente existência, porque há produção de infinitos atributos que integram, *constituere*, de maneira imanente a essência da existência infinita da Natureza. Os atributos constituem a essência da Natureza, dado que

---

<sup>6</sup> PAULA, 2017, p. 36

essência é potência de existência na substância – atividade espontânea na qual a natureza se cria infinitamente –, e cada atributo é parte da potência e essência absolutamente infinitas da Natureza. Não é constitutivo na essência da Natureza atributos iguais, ou seja, é imanente a Substância infinitos atributos que expressam sua essência que é potência e cada atributo exprime eternidade e infinitude de distintas maneiras – esses são, assim, ordens de realidade pelas quais a Natureza realiza e se realiza. Cada atributo é singular na expressão de sua ordem produtiva de realidade, a Substância são essencialmente os atributos e os atributos a são de maneira intrínseca, logo, imanente, não há separação, mas distinções. Quanto ordem produtiva, os atributos exprimem-se de infinitas maneiras de realizar ação, produção, sendo então uma essência produtiva não existindo dois ou vários atributos que se realizam sob a mesma maneira de existir.

Tudo que existe na Natureza ou é em outro ou em si mesmo. A Natureza em si mesma é causa e nela produz infinitos efeitos, efeitos que compõe a essência e exprimem a existência que é necessariamente a potência constitutiva, esta composição se dá dentro da substância pois nada existe fora da Natureza. A composição é imanente dado que não há um todo que é absolutamente transcendente às coisas existentes; as realizações e produções na Natureza se dão nela mesma e tudo que existe são as expressões em modos da essência da Natureza. Produzo-me a mim mesma autodiferenciando-me em infinitas ordens de realidade (atributos, *actuosa essentiae*), produzindo infinitos efeitos. O Universo, que eu sou, é infinitamente infinito. Não nasci de um acontecimento. Não nasci: sou eterna.

Os modos engendrados imediatamente na Substância são infinitos. Os modos expressam por si as leis das coisas e das ideias, ou seja, as leis estão para o que compõe uma ordenação intrínseca dos modos: tudo que existe, existe por uma coerência interna (isto é, são essências reais e inteligíveis), dos infinitos modos infinitos decorrem necessariamente infinitos efeitos finitos: os modos finitos, *postquam o corpo maior ao infinito – Natureza – os limitam*, são as afecções dos infinitos atributos na Natureza e exprimem sua essência em determinadas maneiras de realidade. Modos são em outro e concebidos por outro exprimindo maneiras de realidade em distintas modalidades (EI def. 5).

Toda coisa é modo na Substância, modalidade de seu existir necessário, e toda a gente é modo *na* Natureza. A imanência é o entrelaço correspondente da essência absoluta da Natureza e da essência que é expressa em cada coisa e que ao mesmo tempo cada coisa exprime. O impulso de produção das infinitas atribuições e modalidades na Natureza se dá em um processo de *causalidade imanente*<sup>7</sup>.

Tudo que deriva na Natureza deriva a partir de uma causa original: a essência que é existência necessária da Substância e a produção de infinitos atributos e infinitos modos. A derivação é sempre imanente e necessária, pois toda coisa existente é uma parte que expressa a Natureza absoluta, que é ela mesma existência e produção. Os modos, entretanto, expressam seu grau ou parte de potência de maneira certa e determinada, pois na sua essência não há existência necessária, sua causa não é causa em si que garantiria a infinitude por não ser determinada por outro. As modalidades finitas na Substância são sempre causa em outro, também finito e operando por outras causas finitas, constituindo uma rede de causalidade na qual se determinam sempre em outros modos que se realizam de maneira certa, única, singular. Modos desenvolvem sua existência de maneira certa e determinada a partir dos atributos que constituem a essência da Natureza que existe necessariamente<sup>8</sup>.

A ação da Natureza é o que a define puramente, não há distinção do que se é quanto essência do que se produz quanto efeitos de seu existir. “Ser e agir são uma só e mesma coisa”<sup>9</sup>: a própria Natureza. Ou seja, tudo na Natureza age a partir da fonte inesgotável de criação que é sua essência e potência do existir necessário, a Natureza causa a si própria e causa a existência e essência de todas as coisas. “Deus é uma causa e de uma causa seguem necessariamente efeitos: eis por que ele é uma essência atuosa”<sup>10</sup>.

Ação e existência, essência e potência da Natureza são qualidades intrínsecas para conceber a Substância. Ser e agir é o que fundamenta a essência atuosa de Deus – *sive natura* – e potência é pulsão ativa constitutiva de maneira infinita da essência da Natureza.

---

<sup>7</sup> PAULA, 2017, p. 36

<sup>8</sup> PAULA, 2017, p. 36

<sup>9</sup> PAULA, 2017, p. 37

<sup>10</sup> PAULA, 2017, p. 41

A primeira pontuação de realidade é a Natureza como causa de todas as coisas, as reticências são seus efeitos. Efeitos imanentes e intrínsecos à essência da Substância, sendo assim, de maneira imanente e intrínseca e ainda que finita, cada coisa contém *um grau de potência*<sup>11</sup> da potência eterna que nos modos é expressa de maneira finita certa e determinada, mas produtora de infinitos efeitos que decorrem do fato de existir somente – “o conhecimento do efeito depende do conhecimento da causa e envolve este último” (EI axioma 4).

Os atributos são autônomos<sup>12</sup> ao realizarem a si mesmos, não há na Natureza o caráter transcendente de quem prevê o Fado. Há na Natureza o que determina a causa dos efeitos que sucedem da essência atuante. Logo, seus atributos atuam como expressão de sua essência e acontecem na Natureza de maneira simultânea ao ente desde sempre<sup>13</sup>, criando e exprimindo realidade: “com efeito, o atributo é aquilo que, da substância, o intelecto percebe como constituindo a sua essência (pela def 4). Portanto (pela def 3), o atributo deve ser concebido por si mesmo” ( EI prop. 10).

O Intelecto infinito da Natureza é um modo infinito pelo qual emana seus ideados. Uma forma de exprimir a essência da Substância é a pulsão actuosa, pulsão essa que engendra o Intelecto, indissociável na realização da existência da Natureza, assim sendo, humanos realizam pensamento posto que a essência que causa sua existência enquanto coisa pensante é ela mesma essência actuosa pensante constituindo assim o Intelecto divino da Natureza. Ao mesmo tempo que a essência da Natureza age, ela pensa. Pensamento e ação constituem ordens de realidade simultaneamente.

O Intelecto infinito na Natureza é de onde emana cada pensamento singular que são modos do atributo Pensamento, expressando o intelecto infinito em ato e exprimindo a condição necessária da Natureza. O Intelecto não reside em um por vir a ser anterior à existência das coisas, mas pelo contrário, age simultaneamente ao fazer-acontecimento da essência da Substância. Assim sendo, “a Natureza se pensa com a mesma necessidade

---

<sup>11</sup> Ética I, prop. 10.

<sup>12</sup> SPINOZA, prop. 33 part. I da *Ética*.

<sup>13</sup> PAULA, p. 42, 2009.

com que se produz, porque sua autoprodução é uma só, é uma unidade: a Substância é única”<sup>14</sup>.

Tudo é e está na Natureza (única e que existe em si mesma), por isso tudo que há é imanente à substância e concomitantemente a Natureza é imanente aos seus engendramentos. “Logo, Deus é causa imanente, e não transitiva, de todas as coisas”. (EI prop. 18).

O que chamamos *verdade* é a existência eterna da Natureza, tal como sua essência e por isso é certo que o que “constitui a essência de Deus constitui, ao mesmo tempo, sua existência. Logo, sua existência e sua essência são uma única e mesma coisa” (EI prop. 20). Entretanto, o que sucede dos atributos da Natureza não envolvem em sua essência a existência, pois assim sendo teriam em si a causa de seu existir, e como dito anteriormente, a causa dos modos está na Natureza. Logo, a essência da Natureza “é não apenas a causa pela qual as coisas começam a existir, mas também pela qual perseveram em seu existir” (EI prop. 24). A Natureza é causa do existir e da essência de todas as coisas (EI prop. 25), do fato de suas existências e simultaneamente da força ou potência pela qual elas perseveram na existência.

Tudo quanto existe é determinado a operar pelas forças da Natureza naturante<sup>15</sup>, os infinitos atributos infinitos em seu gênero, que agem espontaneamente, exercendo a realização necessária de existência da Natureza. Assim sendo, não há sob ação da Natureza um sintoma de vontade, desejo, movimento e repouso, posto que esses que seguem são também expressão da essência naturante, mas estes operam de maneira certa e determinada – mesmo que de maneira a expressar a infinitude – tendo causa na Natureza e fora dela não se realizam.

A Natureza é a única causa livre e tudo que sucede de sua produção é perfeito e exprime o absoluto, tal como é. A Natureza não é limitada ou condicionada ao destino ou suposta pretensão de bem sob a maneira que determina os modos que de sua essência sucedem. A Natureza é perfeita e tudo que sucede dela também o é, pois, supor o

---

<sup>14</sup> PAULA, 2017, p. 42

<sup>15</sup> Em tempo, Natureza é o que podemos conceber como natureza naturante, pois cria-se a si e não depende de outro para realizar sua existência, tal qual os atributos que constituem a essência da Natureza. Natureza naturada é tudo que segue da necessidade primeira da essência da Substância que é existir necessariamente exprimindo-se através de seus atributos e então é existente em outro e por outro.

contrário é cogitar a existência de outra Natureza determinando outra realidade, o que é impossível posto que a Natureza Naturante é única, eterna, indivisível e perfeita, como exposta pelas definições anteriores.

Assim, emprestei-me em segredos ao que de minhas entranhas se gerou. Os modos gente são parte do segredo e passam o tempo a dedicar significado para o que existe da maneira que o é, contudo, não atribua a mim um fim que me determina, a necessidade do homem a determinar um fim necessário às coisas existentes é explicada pelo conforto de manter-se nas *explicações preconceituosas*<sup>16</sup> acerca da realidade.

Para o homem que desconhece a causa de todas as coisas, busca-se o que lhe é satisfatório e com consciência. Creem-se livres, entretanto, não pensam as causas que provocam seus desejos e vontade, e assim ignoram as causas. Para isso, os homens agem em tudo em função de um fim, o fim é então uma coisa útil que sacia, pois voltam a si mesmos ao ignorarem a causa real de todas as coisas<sup>17</sup>, a Natureza Infinita. Atrelados então à busca pela finalidade das coisas saciam-se, pois creditam a esta pontuação final a não dúvida de um algo acontecido e acabado. Põem-se a pensar sobre os fins que designam suas ações ao se crerem livres. Buscam justificar conscientemente os efeitos que os atravessam e não buscam a causa real de todas as coisas por certo lugar de conforto que se alocaram.

É necessário entender o que é a Natureza verdadeiramente para contrapor a compreensão humana que conduziu explicações que fortalecem afirmativas preconceituosas frente à vida. Na compreensão humana os meios são as coisas existentes na Natureza para seu uso-fruto, já que não dispuseram de potência própria para criação de tais coisas, e ao se depararem com as satisfações de suas necessidades por meio do que já existe, significam que tudo o que existe, existe para o humano e por causa do humano. Mas se não é em razão de sua própria potência que o tudo existe, em razão de quem? O

---

<sup>16</sup> “Preconceituosas” aqui podem ser concebidas como as superstições pelas quais os homens explicam toda a Natureza, como por exemplo, Espinosa explícita na parte II da *Ética* a noção supersticiosa que os humanos explicam a criação de todas as coisas, alegando que tudo quanto existe fora criado para seu usufruto e por isso devem prestar cultos aos deuses de várias espécies, com distintos dogmas e variações, de modo a serem premiados com a abundância e satisfações de seus desejos. Apoiam-se na concepção de que há um deus sobre a liberdade humana que criou a natureza para seu usufruto e por isso deve a ele prestar cultos e reverência. Quanto mais alguém o cultua, melhor deus governará a natureza para seus desejos e cobiça insaciáveis.

<sup>17</sup> EI, *Apêndice*, p. 43 e 44, 2009

homem significou que a Natureza criara todas as coisas como meio de usufruto humano e com isso eles devem aos governantes da Natureza (“Deus”) seus cultos e louvores, alimentando assim a cobiça humana que se alarga em grandes passos (Apêndice, parte I da *Ética*).

A partir das trocas concluídas pelos homens (a Natureza a meu uso fruto, presto louvores aos deuses), entendeu-se como prostrados a essa força divina que estaria mais ou menos destinada a satisfazer o homem de acordo com a qualidade dos cultos. Logo, coisas ruins que sucedem na vida humana é explicado pela insatisfação dos deuses ou deus às feitura dos homens em culto, a uma ideia de falta na devoção e ação humana aos preceitos divinos. Ainda, tudo que sucede e a que não se encontram explicações a seu fim, o homem delegou a uma incapacidade humana de compreender de acordo com um dado juízo divino distante da inteligibilidade humana. Esta postulação de justificativas mantém o homem sob uma conservação de pensamento que não inaugura o novo e consolidam-se preconceitos em uma “doutrina finalista”, como o que fora discorrido (E I apêndice).

É em discursos falsos que encontro explicações distantes daquilo que é verdadeiro, justificam pela “vontade de Deus” uma série de satisfações dos seus próprios desejos. Em demonstração exponho a suposição das ações da Natureza a um Bem. Isso é supor que existe um bem que opera fora da Natureza e sob a qual a Substância o tem como modelo e assim baseia-se sob tal conjuração. O que é absurdo, submeter a essência da Natureza a alguma espécie de fado quando a mesma é causa livre, primeira e única de todas as coisas (*Ética* I, prop. 33).

Recorre-se a tal argumento da “vontade de Deus” e assim mantêm-se deslumbrados por vãs respostas as causas e fins de todas as coisas, e a quem foge ao deslumbre da doutrina finalista, a este se estende o preconceito de ser errôneo. Instaura-se a dualidade bem e mal, mérito e pecado, tendo a devoção aos cultos como parâmetro avaliativo de sua benevolência ou malevolência. Ou seja, os homens escolheram como seus superiores quem mais condizia ao que fosse favorável à sua existência, para sustentar tal ideia se munem de um acervo de noções acerca do belo e do feio, do bom e do mal, mérito e do pecado e inauguram assim um poder de julgamento justificado divinamente para ações de todos os homens e que operam na manutenção de seu poder.



Por desconhecerem a natureza de todas as coisas, imaginam uma suposta ordem pela qual a Natureza se orienta, por não sustentarem a ideia da confusão ou ligar uma serie de causalidade que não se conduz por uma ordem preexistente à noção de caos. Isto é, da disposição de todas as coisas chegam ao homem e o afetam de maneira que através da imaginação e por desconhecerem a causa primeira de todas as coisas, atrelam o significado mais confortável ao que receberam dos seus sentidos e assim ordenam os efeitos da Natureza em uma organização que não existe em essência. Quero dizer, mais do que compreender, o homem imagina as afecções que os afetam e ordena essas afecções por meio da imaginação criando assim concordâncias e discordâncias entre outros homens através da constituição deste imaginário.

Mas a Natureza não age para um fim e tampouco realiza existência para satisfação de um modo existente, “a natureza não tem nenhum fim que lhe tenha sido prefixado e que todas as causas finais não passam de ficções humanas” (E I apêndice). A Natureza produz-se a si, pois, está em sua definição essencial a necessidade de existir, e como foi dito anteriormente, o existir envolve-se em minha essência. E digo, pois, que minha essência envolve existência necessária porque não há algo anterior que impulsiona as minhas ações na existência. A vontade não existe anterior a minha existência para que assim essa força direcione minha produção, ou o desejo não reside num plano que antecede o meu existir justificando-o. Vontade e desejo é parte de minhas definições, de meus atributos, decorrem deles, são modalidades do existir e pertencem aos reinos dos modos finitos.

Tudo quanto existe, existe em perfeição, pois perfeita é a essência causadora de todas as coisas. Se assumirmos que há imperfeição nos atributos e na Natureza infinita, afirmamos que as coisas deveriam ser diferentes do que são, e para tanto, precisaríamos atestar a existência de outra essência propulsora da existência. Ou, que a vontade e o intelecto na Natureza poderiam ser diferentes do que se é, pois, só assim as coisas seriam outras distintas do que são em ato. No entanto, a Natureza é única e infinita, pois se assim não fosse atestaríamos outros planos de realidade, fora do campo da imanência. O

intelecto e vontade na Natureza são produtores indissociáveis da essência e por isso tudo se dá em modo de perfeição<sup>18</sup>.

Fala-se em Natureza para que compreendamos aquilo do que somos modo. Se o que produz ordens de realidade na Natureza segue de seus atributos e instantaneamente por seus modos, aludindo a noção de desejo, se identificamos que o desejo na natureza é isso em essência que produz infinitas ordens e modalidades de realidade, logo, compreendemos nossa natureza, já que somos imanentes à Natureza quanto ente infinito. Conhecer a natureza é então conhecer a nossa própria.

“Não existe nada de cuja natureza não se siga algum efeito” (EI prop. 36). E não existe nada na Natureza que não exprima parte da potência essencial da causa primeira de todas as coisas. Assim sendo, a história que aqui se narra retratará os efeitos que sucedem dos modos existentes num recorte geográfico e histórico, na cidade de São Vicente, litoral do estado de São Paulo. Nessa cidade, a Área Continental de São Vicente é o lugar que ao pé da Serra do Mar é uma parte da Natureza onde engendra tantas potências particulares.

Na natureza produtora a partir de sua infinita potência moram também as expressões da Potência Infinita em modo de potências particulares, os efeitos do Desejo Infinito da Natureza. Os efeitos são corpos conectados criando ondulações em corpo e ideia, mantendo o traço da vida continuamente em criação. As potências em ato seguem de tais efeitos na busca de desvendarmos as colisões do que se gera e as feições da potência de cada coisa que aqui se conta.

Se tudo quanto existe, existe como efeito da causa infinita produtora e pensante de todas as coisas, apresento como efeito explicado a partir de uma conexão causal de outros infinitos efeitos finitos, este espaço no qual a Natureza engendra e que caracteriza a junção de particularidades e expressões da Natureza.

Fundado em 1997, o Instituto Camará Calunga tem por missão institucional promover e defender os direitos humanos, especialmente de crianças e adolescentes, nos diversos lugares e territórios em que vivem, produzindo experiências referenciais de cuidado, formação crítica, pesquisa e intervenção,

---

<sup>18</sup> PAULA, p. 44, 2009.

que incidam na formulação de políticas públicas de Infância e Adolescência. Desenvolve projetos e programas no campo da educação, saúde e assistência social, tendo sido apoiado por Institutos, Fundações e Fundos Públicos: Instituto Childhood, Instituto HSBC, Instituto Credicard, Fundação Telefônica, Fundação Itaú Social, UNICEF - Criança Esperança, UNESCO - Criança Esperança, Petrobras, Ministério da Cultura, Fundo Estadual CONDECA/SP, Fundo Municipal CMDCA-SV, Fundo Municipal de Assistência Social, entre outros. De 2002 a 2012 integrou a equipe de consultoria que elaborou e implementou o Programa de Ações Integradas e Referenciais de Enfrentamento à Exploração Sexual no Território Brasileiro - PAIR, sob coordenação da Secretária Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República. Em 2015 recebeu o Prêmio Nacional de Direitos Humanos, categoria Experiência, conferido pelo Movimento Nacional dos Direitos Humanos-MNDH, em reconhecimento às ações de promoção e defesa dos direitos humanos no Brasil<sup>19</sup>.

O Instituto Camará Calunga é, então, instituído a partir da ação conjunta do modo humano, inaugurando um espaço que propõe a junção de potências particulares para afirmação e reconhecimento dos direitos humanos. Assim, a partir de assembleias comunitárias, há 22 anos encontros constantes são realizados em distintos bairros da cidade de São Vicente, litoral do estado de São Paulo. Nas assembleias comunitárias o diálogo é a principal instrumentação pela qual se cria um modo de estar junto, suscitando o debate de ideias, o exercício do pensar, ouvir, conhecer, gerar saber sobre a vida vivida que é convidada a parar para ser olhada. Se não pensada a vida pode ser guiada por preconceitos e noções que contribuem para a satisfação interna com formas que intimamente causam contrariedades a essência humana, posto que não conhecer é contentar-se em operar da maneira que nosso contexto opera, assim, conservando um modo de se realizar que não se abre a multiplicidade de efeitos nos quais o modo humano pode interagir e criar-se a partir de tal interação.

O Instituto nasce do desejo de um corpo que fora afetado por uma ordem de causalidade que constroem tal desejo. Esse desejo se soma ao desejo de outros corpos que concordam com a produção e criação desse novo lugar. A partir da ação, o campo para

---

<sup>19</sup> <Disponível em: <https://www.camaracalunga.com/sobre-nos>>

soma de novos desejos é inaugurado. Vinte e dois anos depois se somam desejos que nesse processo foram aumentados, diminuídos ou inalterados. Assim, a cada ano consiste a persistência no Instituto de recriar o existente. Dentro do existente, continuaremos pensando a produção afetiva e os efeitos repercutidos nessa experiência que se somam particularidades.

## **Modo-gente e os afetos**

Herdamos a cor vermelha, a temperatura quente e herdamos a força de criação da terra. Limpo as vistas e me vejo modo dessa terra que não culpa, mas reage. Nosso sangue é quente tal qual a terra que me gerou, na qual dela sou reação. Quente e vermelha é minha pele e nela se inscreve o mais profundo daquilo que me habita, em minha pele o mais profundo é aparente.

Há em mim desejo que pulsa a me manter agarrada à existência. Tenho parado a observar esse verde que me cerca, tem algo na natureza de fazer-se vida abundante mesmo em meio ao desespero. E tenho assim procurado a melhor maneira de ser gente, tenho aprendido a ter paciência com as árvores. Elas crescem no mesmo lugar e passam o resto da vida ali. Tenho aprendido com os pássaros a esperteza de criar movimento para minha sobrevivência. Tenho aprendido com as pedras a ser dura quando me arremessam sem cuidado.

As montanhas são os grandes anciãos moradores deste mundo, elas contam os saberes de quem é senhor da história. As árvores que formam as florestas moradoras das montanhas são o espírito da paciência e quando estou perto delas me sinto abraçada pela calma. Há plantas que são curandeiras, muitas mulheres têm relação íntima com a cura através das plantas, o que me faz pensar que elas trocam segredos. Não acho isso em vão, já as vi conversando em dias de sol e jardinagem. A chuva é sempre tão sentimental, convida você a recolher-se à proteção e exige que a olhemos com certa distância, parece uma apresentação dos céus da dança das águas. A chuva é espírito de muita força porque impulsiona o nascimento do verde da vida. A natureza ensina muito, tenho prestado atenção.

A atenção conduz a percepção da pulsão de existência da natureza infinita como o berço da pulsão singular de cada coisa que reivindica existir no que é o mundo. Somos um modo finito em matéria, mas criamos realidade. A realidade é desenhada a muitas

camadas de história e a história dessa terra vem com a imposição de modos de existir que abafaram os modos já existentes, aprisionaram potências. Saber-se é perigo, pois a ordem precisa manter-se intacta. Quem sabe de si sabe também das intenções as quais seu corpo está sujeito, reconhece, cria rota de liberação tocando assim o pecado original.

Hoje, a realidade para ser vivida com honestidade exige retrair as rotas das prisões coloniais, quebrar os grilhões, máscaras de ferro, chicotes de açoite grosso. O azorrague que hoje fere a pele são as potências enclausuradas e cooptadas pelo poder poderoso na conservação de uma vida que sempre acaba sem a chance de infinitar-se no agora.

A Natureza de tantos atributos é expressa em modos, como eu. Sou parte do Infinito e parte da perfeição e eternidade. Eterno é a intimidade do para sempre e infinito é tudo que a eternidade faz rumo ao que não acaba, e que nunca começou, sempre foi. Tenho por dentro rasuras do infinito, tenho por dentro infinito estendido nos efeitos nos quais me envolvo por ser grau de potência viva e atuante. Já muito quis saber como fotografar a eternidade para que cristalizasse em meus olhos a sua imagem, sei que não há meio de retê-la e assim o eterno vaza pelos olhos.

A vida reivindica e não nos deixar esquecer: a gente é vivo! Mas tem hora que a gente faz questão de esquecer. Às vezes botar a vida em esquecimento faz ser mais fácil e ajuda a passar melhor ao aquietar certas angústias que bate hora e outra e que bate hora em hora. Embora tenha isso que sempre volta de maneira insistente: a gente é vivo, é coisa respirante. E tem ação de comer, trabalhar, dormir e no meio de tudo isso sente de um jeito difícil de entender. É difícil de ligar os pontos na cabeça e pensar que merecemos sim, podemos sim querer viver direito, sem esse tanto de aperto que faz tristeza no coração.

É sabido que tem gente que nasce com a herança de ter braço maior e perna mais veloz, tem gente que nasce que precisa viver mais forte porque tem dor que é doída e arde lá dentro do “zói”, lá de dentro da carne. E tem dor que tem trajetória na história de muito grito, muito choro. Muita coisa feia que a gente não deveria experimentar ser gente desse jeito.

A gente – nossa gente – é feita de punho grosso e costas largas. De fé barata e de voz alta. Vem de pé e mão calejada em um passo apertado tomando uma direção: nessa andança estar vivo com força é a nossa condição. Penso que essa é a minha herança.

• • •

É certo e determinado que toda a causa que segue da Natureza gera-se efeitos. Os efeitos não estão sob pretensão da Natureza, mas tudo que sucede vem da causa primeira que é a Substância. Cada coisa vivente se esbarra gerando atrito e ondulações que se provocam e operam acontecimentos, os efeitos da produção na Natureza. Os corpos em relação estão em colisão, tecendo o acontecimento e gerando efeito.

Na mistura da existência no que concerne a experiência humana, tudo que sentimos são outros corpos singulares e modos de pensar (E II ax 4 e 5). E isto que é o que somos: nosso corpo e nosso modo de pensar, é afetado por distintas maneiras a desvendar, a abrir campo de percepção para a clareza do que eleva, do que diminui e do que apassiva.

A Natureza é coisa pensante (E II prop. 1) e como vimos antes, sua essência infinita é também infinitamente produtora de infinitos pensamentos. Ou seja, o pensamento é atributo da Natureza e dela se seguem pensamentos singulares (modos) que são pensados de maneira certa e determinada como parte da expressão do atributo pensamento que é infinito, pois é o que constitui a essência da Substância.

O pensar na Natureza é um só tal qual a Natureza é uma. Única e indivisível e tudo que a compõe são seus atributos e as afecções de seus atributos, seus efeitos. Todos originados de um pensamento da Natureza a partir do intelecto infinito que são intrínsecos à essência da Substância.

Há uma única substância compreendida ora por um atributo – a extensão, os corpos –, ora por outro – o pensamento, as ideias. Ou seja, o atributo pensamento e o atributo extensão são perspectivas de uma mesma substância expressa de maneiras distintas. Ainda, cada atributo exprime a essência da Natureza de maneira absoluta em si mesmo, ou seja, para que se entenda a sucessão de causa e efeito de uma coisa extensa há de se buscar no atributo extensão a ordem de tais causas e efeitos. Assim também se

pensarmos um modo de pensamento singular que só pode ser explicado através do atributo pensamento (E II prop. 7).

Deriva-se do atributo pensamento a mente humana que existe como ideia no intelecto infinito na Natureza que expressasse na qualidade de ente pensante através do atributo pensamento. A mente humana é um modo causado por um ideado pensante que percebe parcialmente isso ou aquilo. O corpo por sua vez é modo do atributo extensão. O homem não é concebido constitutivamente na substância da Natureza, mas o é constituído como modo contendo modificações dos atributos que exprimem a essência da Natureza que é a existência necessária. A mente humana existe primeiro como ideia no intelecto infinito tal qual o corpo, e o homem se realiza a partir dessas duas perspectivas: pensamento expresso na modulação de mente humana e extensão na modulação de corpo.

Corpo é objeto da ideia da mente e o que chega como afecção ao corpo é assim percebido pela mente criando uma ideia. Corpo e mente se expressam em caráter de unidade e não há outro objeto da mente humana que não o nosso corpo, porque então o sentiríamos em afecção e ideia (afeto), mas não sentimos. É a partir deste meu corpo existente em ato, do qual minha mente é imediatamente ideia, que os outros corpos me chegam, se me tornam presentes, reais, na medida em que sou por eles afetado.

Um indivíduo é composto por muitos corpos interligados, interconectados, juntos. Corpos duros ou moles, lentos ou rápidos, corpos que podem fluir entre as partes constituindo assim sua forma sem que perca sua natureza (E II axioma 3). Os corpos que formam um indivíduo traçam relações entre si variando seus conteúdos, mas não alteram a forma de indivíduo. Tal qual a Natureza, grande indivíduo constituído de infinitos distintos corpos em relação que não alteram por seus conteúdos a forma do indivíduo único.

[...] conceberemos facilmente que a natureza inteira é um só indivíduo, cujas partes, isto é, todos os corpos, variam de infinitas maneiras, sem qualquer mudança do indivíduo inteiro. (Spinoza, p. 66, 2009)

O corpo humano, por sua vez, é composto de indivíduos distintos entre si e que também são compostos por outros, criando uma rede complexa de relações. E este corpo – meu corpo – quando lançado à existência é captável de múltiplas afecções dos corpos do fora de distintas maneiras tendo inclusive necessidade de interação com distintos



corpos para que conserve o seu próprio e neste processo regenerando-se continuamente (E II prop. 13 postulado 4).

Em meio às regenerações há reciprocidade posto que a capacidade do corpo humano de ser afetado por corpos do fora é equivalente à sua capacidade de gerar afetações em outros corpos quando em encontro com o seu. Tudo quanto o corpo recebe em afeto é processado e significado pela mente como ideia, assim afirma-se que o “corpo humano existe tal como o sentimos” (Spinoza, 2009, p. 70). Ainda, quanto maior o campo de percepções afetivas da mente sob a interação do corpo, tanto mais esse corpo interage em colisões com outros corpos, numa dinâmica de recebimentos e doações intensivas.

Um corpo afetado por outro corpo externo repetidas vezes, cria uma ideia na mente desta afecção e ainda que este corpo externo se ausente, a ideia pode continuar na mente humana. A mente tem a capacidade de imaginar: imaginar aqui é a produção de ideia da mente de uma afecção do corpo que não reside mais em ato, mas que mora em ideia da afecção que outrora ocorreu e que reside no corpo em forma de ideia imaginada do que não se tem, o outro corpo de afecção. A medida que a mente imagina um corpo externo que gerou afecção no seu próprio corpo, este – o seu próprio – toma caminhos e novos arranjos através da produção de ideias e imaginação.

Se um corpo fora afetado por dois ou mais corpos simultaneamente, assim a mente traçará correlação entre essa duas ou mais afecções e sempre que imagine um corpo recorrerá rapidamente à lembrança do corpo conseqüente (E II prop. 18). Assim forma-se uma sequência de ideias e associações de afecções, o que podemos chamar de *memória* – ideias ordenadas da mesma maneira em que as afecções foram ordenadas no corpo através da mente envolvendo a natureza dos corpos exteriores, mas não as explicando (prop. 18 part. II). Assim sendo, cada corpo tem sua própria ordenação de ideias a partir das afecções encontradas, cada corpo contém sua memória e realiza a imaginação à maneira da ordem de seus afetos e ideias. “E, assim, cada um, dependendo de como se habituou a unir e a concatenar as imagens das coisas, passará de um certo pensamento a este ou àquele outro” (Spinoza, 2009, p. 72).

A Natureza é quem constitui a essência da nossa mente e essa, por sua vez, percebe a existência e forma noções sobre as coisas. Tais noções podem ser universais ou

particulares. Há maneiras de perceber que nossa mente desempenha: a partir das coisas singulares (modos) que associamos a uma cadência de pensamentos da qual fazemos conexões para explicar isso ou aquilo; através dos signos que cruzamos na experiência do corpo em maneira de visão, audição, seja através da leitura ou a oralidade, e então recordamos estes elementos e “formamos ideias semelhantes àquelas por meio das quais imaginamos as coisas” (E II prop. 40). Há ainda a forma de razão para significar e organizar o conhecimento humano. Por meio dos pensamentos particulares, dos signos, da imaginação, não se atinge o conhecimento causal de todas as coisas. A ciência intuitiva é o que nos conduz à ideia adequada da essência da forma dos atributos da Natureza para chegar ao conhecimento adequado da essência das coisas. A forma da ciência intuitiva guia-nos para ideias mais claras, ao contrário da percepção por meio dos signos particulares.

A forma que desenvolvemos a percepção pode nos levar a crer em uma liberdade que se distancia da causa de todas as coisas. A mente humana não é livre causa de como age e tampouco determina a si própria, pelo contrário, é determinada por outra causa e essa por sua vez, por outra, até o infinito.

A mente é um modo definido e determinado do pensar (pela prop. 11). Portanto (pelo corol. 2 da prop. 17 da P. 1), ela não pode ser causa livre de suas ações, ou seja, não pode ter a faculdade absoluta de querer e de não querer; ela deve ser determinada a querer isto ou aquilo (pela prop. 28 da P. 1) por uma causa que é, também ela, determinada por outra, e esta última, por sua vez, por outra, etc. (Spinoza, p. 90, 2009)

Por entender que a ordem de causalidade é o que determina os significados pelo qual a mente agencia as afecções do corpo e não por uma autodeterminação desconectada ao fato do corpo ser imerso na experiência, acordamos que o corpo-mente pensa e cria a realidade a partir das colisões disponíveis e pela ordem causal circunscrita na Natureza infinita e àquele particular campo de encontro.

A capacidade de realização de vida do corpo-mente humano se dá inextricavelmente vinculado à essência da Natureza, o humano faz vida de maneira imanente à potência da Natureza que é ser acontecimento em vida. Somos parte do desejo

da Natureza e esse é o impulso pelo qual embebidos de nossos contextos nos conduzimos através do real criando mais realidade.

Este corpo-mente lançado aos esbarros na realidade que entrelaça infinitos modos finitos, é um corpo-mente cuja membrana que o contorna é permeável pelos efeitos da relação causal das coisas, os efeitos que chegam ao corpo em afecções são significados pela mente como afetos: a mente é ideia do corpo e os dois operam simultaneamente, assim, o corpo em contato com outros modos, afecionando-se, e a mente significando em ideias as afecções do corpo, constituindo assim os conceitos do afeto.

“É impossível que nosso estado atual permaneça sempre o mesmo” (PAULA, 2017, p. 39), ou seja, estamos sempre passíveis de transformação posto que estamos mergulhados em atravessamentos afetivos que são vetores lançados de diversas ordens modais de realidade. Neste campo de transformações, nosso estado é constantemente modulado à maneira das afecções. As afecções na mente são concebidas em modo do afeto de alegria ou do afeto de tristeza. A alegria é o que no corpo aumenta a potência de agir e de pensar, a tristeza é o que no corpo diminui a potência de agir e de pensar. Alegria é a concordância em corpo e mente para com o contexto dos acontecidos. Alegria em concordância é a matéria que fundamenta o estado de harmonia entre corpo-mente do dentro e do fora. Habitar a alegria é recusar-se ao lugar que a tristeza instaura, pois, a tristeza não sintoniza nossa existência com nossa essência (*conatus*). Buscamos então alegria para que se harmonize em concordância essência e existência.

Toda a natureza aspira *conatus* e então se torna som unísono na Natureza. É expressão do movimento do Conatus o assobio cantado pelos pássaros, a força pela qual os ventos se arrastam, *conatus* brota da terra e desabrocha em mais vida. Querer realizar mais vida é o sentido que reside no *conatus*: o esforço de perseveração que cada coisa realiza em seu modo de ser coisa.

Somos parte do ente infinito, em nossa particularidade a produção de existência se dá a partir da afirmação que carregamos em essência por realizar vida, esse esforço e impulso é natural e não guiado por um sentido moral de viver para um para que. Sem *para que* viver, existimos *porque* a nossa essência é expressão e parte particular e modal da essência da Natureza que é a existência necessária e infinita.

O desejo da Natureza do qual expressamos uma parcela, atua em nós – *conatus* –

como uma vontade de conservação de si, ou como apetite quando levamos em consideração a relação conjunta de corpo e mente para o ato de conservar-se em existência. O desejo é quando tomamos consciência para onde a vontade e o apetite nos determinam a efetuar, ou seja, “no homem o exercício do desejo é a própria atividade do *conatus*” (PAULA, 2017, p. 49).

Desejo, alegria e tristeza. Relacionam-se em entrelaçamento causando efeitos de um para o outro. O desejo é por si mesmo a perseveração, ou seja, afirmação da existência, a alegria é afecção que eleva a afirmação de existir e a tristeza o que diminui a potência de afirmar. O desejo que se realiza no afeto de alegria é o que gera em nosso corpo-mente mais potência de realizar, posto que seja natural da alegria pulsar mais e mais realização em existir. O desejo é nossa essência de insistência na vida e no campo da alegria o desejo é fortalecido e incentivado. O contrário, a tristeza. Quando o desejo em nós encontra os afetos de tristeza, nossa potência diminui em realização de vida e habitamos assim uma realidade menos perfeita do que quando produzimos realidade em alegria.

Tristeza gera no desejo uma reação a ela. Há atuação desejante na tristeza, mas para que o corpo vá para um lugar distante dela, assim, o desejo não é aumentado como na alegria porque nada a ele fora somado, apenas consiste o esforço na tristeza como forma de reação e resistência<sup>20</sup> a esse afeto que diminui a potencialidade na ação da vida de um corpo e da mente.

A alegria soma-se ao desejo engrandecendo-o, levando-o a um estado maior de efetividade na produção de pensamento e de movimento do corpo prescritos sob uma *alegria ativa* que expande o campo de realização de um modo em estado de alegria de pura afirmação da vida e do desejo. A alegria é o que conduz meu desejo a mais querer, mais fazer, mais realizar.

A bateria – grupo percussivo – abriu as portas do conhecimento, da vontade e do querer. *Tipo assim*, eu quero conseguir isso. Eu quero fazer isso tocando esse instrumento. E eu quero continuar na bateria (J. 12 anos, 2019).

A alegria ativa é a alegria que ocorre por uma determinação particular, interna e que opera sem a dependência de causas exteriores. Ou seja, uma alegria que acontece a partir do conhecimento verdadeiro da causa dessa alegria que é em si mesma e não a mercê de uma causa externa que a provoque e/ou determine. Alegria ativa acontece pela capacidade do *conatus* de existir e realizar-se no campo da ação. Na alegria ativa o desejo cresce com mais força, pois a esta alegria não envolve a tristeza da possibilidade de perdê-la, harmonizando *conatus* e afecção do corpo-mente. Mas este tipo de alegria é rara.

Desejo pulsa neste meu e seu íntimo humano e é o que nos faz querer realizar a existência. Sempre há desejo porque este mora no âmago sendo essência que produz a existência humana, o desejo em si mesmo opera como o pulso que mantém o exercício contínuo da vida. O desejo ao encontro da alegria se afirma em mais desejo, com mais força. A afecção que chega ao corpo quando significada pela mente em afeto de alegria é a causa exterior que se soma ao desejo. Já na tristeza, a potência da existência não é reforçada pelo afeto que chega ao corpo, pois esta afecção muda o estado do corpo para um estado de menos produção e realização de realidade.

O esforço na perseverança do existir, a gana que conserva a vontade ativa de busca do aumento da nossa potência de produzir mais realidade é o próprio desejo. Se há algo que somos em essência, é desejo. O desejo que não cessa é a busca desejante pela alegria, posto que esta lhe serve como aquilo que faz maior sua capacidade de realizar vida em absoluto. Lhe é útil (PAULA, 2009, p. 64).

Não sei porque escolhi a bateria, achei interessante. Eu achava legal alguns toques. O toque que eu gosto é o samba-reggae. Quando eu toco é muita energia, muita coisa que vem. Me causa felicidade. Eu fico rindo, feliz (B. 11 anos, 2019).

“Bom é aquilo que é experimentado como útil” (PAULA, 2009, p. 64). Útil é o que possibilita ao corpo-mente experimentar variadas maneiras de afetar e ser afetado. Quanto mais útil é proporcional a quanto mais variedade de exposição ao campo das afecções que o corpo é disposto. Nocivo é justamente o oposto, o que não impulsiona o corpo-mente a uma variedade de possibilidades de viverem distintos afetos, tornando o corpo “menos apto a afetar e ser afetado de muitas maneiras” (PAULA, 2009, p. 64).

Cada corpo exprime a insistência na existência a sua maneira, agarrando-se ao que fora exposto e afetado, criando forma e sentido. Agarrei-me ao ato de fazer som compassado em peles de natureza, ao modo de tambor e a isso me uno. E quando toco e sou unidade, já não me desgasto em palavras para explicar que a imanência é o destituir do contorno que envolve meu corpo e cria separações, ali eu sou e estou, entregue e fundido, sem contorno, mas em mistura, sou em corpo os graves e agudos, as marcações de um tempo que é todo um só sem fragmento, uma música que faz desse modo extensão que habito ser todo ressoar de sentido, alegria e significado.

Sabe meu corpo? Não era eu, mas era (...) muito amor pela música, eletrizante, cativante. Ficar lá era a melhor coisa, sair de lá seria uma coisa ruim. Faz eu me sentir muito bem, a gente só sente a música. Se tiver triste, perde tudo isso na hora do baque. Só vira instrumento em contato com outros instrumentos e tudo acaba virando uma coisa só, uma coisa linda, de várias vibrações. Consigo esquecer tudo e só fazer (F. 15 anos, 2019).

Quanto mais alegria experimentamos, mais fortalecemos nosso desejo contra a experiência da tristeza, posto que, uma vez vivido o corpo em alegria, quando a tristeza afeciona, nosso desejo não resiste a tristeza unicamente porque em essência somos determinados a perseverar no existir através do desejo, mas porque experimentamos o corpo em potência e expansão no afeto de alegria e isso aumenta a reação e resistência a tristeza que é o contrário da expansão da potência em afirmar mais vida em realização. “Somos mais determinados a manter e aumentar nossas alegrias, quanto mais alegria experimentamos” (PAULA, 2009, p. 45).

A partir do corpo se dá toda a experiência afetiva, o corpo tem uma ideia: a mente. Da mente há infinitas ideias a partir das afecções que são efeitos de infinitos modos finitos. O corpo é algo que existe no mundo e interage com ele através da possibilidade ontológica de afetar e ser afetado (PAULA, 2009, p. 59). É por ser matéria e ideia permeabilizáveis que o corpo se constrói na experiência do mundo, do fora e de dentro. Experimenta a si mesmo concomitantemente ao que recebe e oferece aos outros corpos e causa exterior.

De certo a experiência ensina, mas não necessariamente conhece. Na experiência, aprendemos por certo desencadeamento organizado de acontecimentos que repercutem na maneira de um saber através da repetição e assimilação dos acontecidos. Entretanto, não

quer dizer que consigamos através da experiência desenvolver conhecimento claro sobre as causas dos acontecimentos já que o conhecimento para ser realizado através da mente precisa colidir-se em distintos encontros intelectuais, afetivos, corporais onde o exercício de se reconhecer as causas e adquirir uma ideia adequada passa pela transformação da nossa experiência afetiva através da reorientação do nosso desejo.

Reaprender a experienciar os afetos passa pela atenção ao que sabemos a partir da experiência. Sabemos assim que o desejo não é algo permanente, o seu acontecer se dá à medida que o corpo afeciona-se na relação com todas as coisas. Pode o desejo acontecer sob a direção de afetos passivos. O contrário da alegria ativa, os afetos passivos acontecem sob o espectro da paixão, do campo passional da cadeia complexa de afetos, sendo o corpo-mente humano causa parcial da produção desta ideia e esta alegria sob a força passional acontece agarrada as causas do fora, externas. E essas alegrias são as alegrias comuns, não são raras como a alegria ativa.

Tais causas externas são bens que o corpo-mente se apega ao determinar que a causa fim de sua alegria é este objeto (bem) que afeciona meu corpo assim gerando alegria e aumento da potência. Contudo, na alegria passiva o objeto que determinamos através de uma ideia a ser causa do aumento de nossa potência é um bem que perece, posto que passa, envolvendo assim a tristeza, visto que desestabiliza os efeitos de alegria que tal objeto causara. Ao perdermos um bem perecível, passamos a outro, estabelecendo um problema: ao estar imerso nas alegrias passivas não nos desvencilhamos da passividade em busca do exercício ativo de uma alegria que se conduz a uma busca por um bem imperecível, contínuo, eterno e infinito – a felicidade – que não envolve a tristeza ao passo que não cessa: uma alegria ativa.

Assim a alegria passiva, ou os afetos que envolvem a passividade, faz com que o desejo opere de maneira contraditória à medida que no seu perseverar, na busca pela conservação, persiste através de afetos que são contrários à sua essência – existir mais em potência e melhor – pois está sempre em uma dinâmica instável da potência que ora aumenta, ora diminui.

A gente nasce e é vivo, as condições externas desse corpo o constroem no campo das afecções, nos fazendo elaborar uma maneira de ser vivo, um jeito de realizar. A tristeza, ou seja, tudo que diminui a nossa potência de realizar existência é sempre algo

externo a nós que contraria a nossa essência (*conatus*), que é o desejo de ser sempre mais vida. Contudo, a tristeza faz parte da nossa experiência originária afetiva e a alegria que experimentamos e que nos impele a buscar mais alegria porque se harmoniza a nossa essência, é variante, pois é passiva, não contínua, assim sendo, conhecemos a tristeza desde nossa origem como o que diminui a nossa potência, ela nos compõe.

A tristeza nasce de uma ideia que é um conhecimento confuso acerca da realidade e se efetiva por causa da perda de um bem. Um conhecimento confuso nos faz desejar algo que é perecível. Podemos reconquistar tal bem que perdemos, mas se ele é por natureza perecível e incerto, certamente o perderemos de novo (PAULA, 2009, p. 68). Aqui dizemos sobre a natureza dos afetos, ter uma ideia confusa a partir de uma afecção é porque a natureza deste afeto é distinta de sua essência e a ela não potencializa, não se funde.

A busca por um bem que seja eterno e infinito e não pereça se dá por uma busca intelectual-afetiva. A felicidade reside no amor intelectual da Natureza. Por conhecê-la e saber de sua eterna infinitude perfeita. Estamos agarrados aos bens finitos e perecíveis e para que se alcance o “amor da coisa eterna e infinita” é preciso uma total transformação do nosso desejo. (PAULA, p.69, 2009).

Ainda que desejemos outro modo de vida arraigado a um bem imperecível e certo que não há males nocivos a nossa natureza, não conseguimos nos desvencilhar dos afetos passivos circunscritos na nossa experiência afetiva desde o começo dessa experiência. Entretanto, há importância nos afetos que envolvem a passividade, pois, é no campo das paixões que estamos imersos desde nossa inauguração nas relações afetivas. Os afetos passivos são importantes, pois eles permitem a experiência afetiva da alegria, fazendo com que o desejo de um corpo construa resistência contra a tristeza, como visto anteriormente na explicação que experienciar alegria nos faz afirmar mais vida e mais alegria. Sendo assim, a experiência da alegria passiva é o que pode impulsionar a busca por um tipo de bem que não pereça, posto que a alegria passiva envolve a tristeza de se perder um bem conduzindo assim o desejo a esse algo que não cessa e não perece. A própria busca por um algo contínuo de elevação do nosso desejo já é a predisposição a outra forma de encarar os afetos, conhecendo-os, identificando-os, conhecendo sua



natureza e orientando-se a afetos que concordem com a essência humana assim potencializando-a.

Tudo começa então com as alegrias passivas. Elas são decisivas porque vivenciá-las constitui em si mesmo um aumento de potência de agir e pensar que será fator de resistência frente aos efeitos tristes (diminuição da potência) que elas mesmas podem gerar. A tristeza, por seu turno, não pode ensinar nada, se não há também alegria. A alegria é o afeto transformador por excelência, porque é dela que nascerá o desejo de uma “alegria suprema e contínua”<sup>21</sup>.

Por isso faz-se necessário viver novas e outras experiências afetivas de alegria (PAULA, 2009, p. 70). No próximo capítulo retrataremos o Instituto Camará Calunga e o Grupo Percussivo Afro-Calunga como efeito que produz alegrias orientando a busca por outro modo de vida possível, a partir de um exercício intelectual de pensar o cotidiano e a vivência percussiva como isso que atrelado ao corpo e em coletivo potencializa os afetos alegres e instaura um bem externo que pode perecer, ao passo que, produz uma espécie de alegria que crie um corpo resistente a tristeza.

Os desejos, a vontade, não habitam em um imaginário incaptável, desejo e vontade estão na experiência concreta e particular, operando de certa maneira. Somos modos finitos em meio à produção e recepção de outros infinitos modos finitos e esses por si e por outros são modulantes e modulados. Modo-gente é uma categoria ilustrativa do que é ser: somos gente sempre de algum modo, modulando e modulado, de maneiras que se envolvem e abraçam a vida, o lugar, a história, maneiras que se confluem através do encontro que moldam, reverberam, repercutem, vibram em nós. É como a construção de um balaio, uma costura de múltiplas linhas que formam nós de complexidades. Tudo isso nos faz gente e corpo complexo.

A complexidade mora na vida que pulsa em meio aos sons, cores, sabores, humanos, histórias, territórios, contatos, encontros bons e maus que aumentam ou enfraquecem para construção do nosso ato em cena, mas é sempre na rede complexa que nomeamos, significamos, criamos a forma. É nesse tecido infinitamente complexo dos nós que podemos chamar Universo, é sempre nesse ponto de encontro onde reside a ponta de possibilidade dos distintos tecimentos do nosso modo de ser-gente, sempre com

---

<sup>21</sup> PAULA, 2017, p. 99

os outros. É essa história que continuaremos a contar, mas agora dirigindo o olhar para um modo singular, uma história possível, uma maneira de ser modo-gente e os afetos que balançam as costuras e nós dessa balaiada.

## **Dá volta ao mundo, Camará!**

### *Companheiros de luta e o Grupo Percussivo Afro-Calunga*

A história que aqui se conta começa primeiro como história sonhada, posto que antes de virar história morou no canto de um sonho, depois história de lenda já que toda lenda é cantada para alguém sobre uma coisa que não tem preocupação com o real, mas está intimamente a ele ligado, até virar história contada nesse aglomerado de verso em texto.

O canto quando acontece é vivo. Mesmo quando é canto de lamento, é um lamento cantado da matéria da vida. Quando o lamento ecoa como canto solto no ar, densifica o peso da gravidade, pois encontra tanto mais e outros cantos e lamentos. O peso faz cair no chão a cantiga e forma esse mesmo chão. O lamento não dissipa no ar, muitos lamentos juntos deixam o ar denso e pesado, por isso cai no chão. O lamento se esfarela no chão e ali mistura farelo de lamento com a terra de toda a gente, o atrito que o lamento provoca na terra pisada faz subir a poeira que é a volta do canto que não morre; os corpos cantam lamento entre o chão, vira canto no ar e se fundem na poeira.

Deixo aqui registrado o meu canto de lamento e que é também canto de insistência. A vida nesse meu lugar tem um jeito de ser tocada, cantada e vivida que por vezes repetidas, por grande quantidade de horas, dói. O corpo sofre e cria maneira de balizar angústia para seguir atuante. Viver aqui não é fácil e seguimos por descobrir e reinventar a maneira de construir vida onde nos encontramos agora.

Viver aqui... de verdade? Estressante eu acho que é uma palavra. Complicado é uma palavra também. Angustiante eu diria que é uma palavra. Tipo assim, a ponte é o pior. O auge desse ano. A ponte já não é de agora que é pra estar reformada. Há muitos anos falando isso, aí o estado da ponte tá crítico e eu tenho certeza que o governo, as pessoas de poder, vão fazer alguma coisa na

ponte quando acontecer um acidente grave, uma tragédia enorme que eles vão tomar uma atitude que vai precisar de pessoas sofrendo, que nem a barragem de Brumadinho, de Mariana, estava todo mundo vendo aquilo, falando que precisa, mas só quando aconteceu a tragédia, foi quando foi noticiado e a mídia fala. Essas palavras surgem tanto angústia, da frustração por conta do saneamento básico que a gente não tem e acaba que toda chuva que acontece alaga as casas, meu avô, por exemplo, a gente tem que limpar todo dia que chove. E tipo, a água enche e a gente voltando do Camará a água já estava na cintura. Quando começa a chover você já fica como? Ai meu Deus, como será que eu vou embora? Vai dar para ir embora, vai dar para chegar na minha casa com aquela água alta? As vezes nem enche a rua mas só por chover mina na casa das pessoas. Mina, sabe, entra por baixo da terra. Como sai de casa nessa situação? Dentro de casa fica uma coisa apocalíptica, a gente olha para fora está tudo cheio, não dá pra ver nada, mas a gente sabe que existe uma civilização fora dessa enchente. Tudo continua. Morar aqui é horrível. Horrível mesmo. A gente só está contando pela enchente, né? A gente não está contando a estrutura do bairro, como o bairro se organiza, as pessoas que tem ali. Assim, a gente vive num lugar que não tem uma empatia pelo outro e acaba que tudo que as pessoas fazem, nos bairros... são extremamente desrespeitosos. Falta de colaboração. Tudo. A falta de consideração por todos. Por exemplo, todo mundo gosta de escutar música. Se todo mundo tivesse o seu som e colocasse música no máximo pra toda a rua escutar, imagina a desgraça que seria. É o que acontece aqui. Você tá escutando essa música? É música de madrugada, não consegue dormir. Se todo mundo começasse a se conscientizar sobre isso, entender que não é só seu prazer individual que tem que prevalecer sobre tudo... Entre nós do Camará é mais fácil fazer do que fora do projeto. É difícil trazer para a comunidade (F. 15 anos, N. 17 anos, J. 12 anos).

Onde a vida encontra arte, onde a arte encanta processos por vezes em desencanto, deparei-me com esse modo-gente-lugar, o Instituto Camará Calunga. Ali pude me aproximar de novidades curiosamente conhecíveis, pois perambulavam as mesmas ruas, no entanto agora com novos rostos, novos corpos propondo uma interação no espaço que eu entendia posto que aqui habito desde que tenho lembrança, contudo a nova interação apresentava um jeito modificado de ser o que se era. As modificações, eu identificava, era no surgimento de uma constância de união, uma regularidade no

encontro, quase como obrigando o acaso a percorrer um caminho que ocasionasse no estar junto dessas pessoas que aqui chegam e se somam às pessoas que daqui são.

Descobri a cada vez que encontrar é fazer o tempo descansar na presença. Há tempos temos nos encontrado e feito o tempo descansar, ainda que a gente não descance exatamente. A gente está sempre de algum modo pensando, em qualquer tempo, tentamos colocar a presença no pensamento das coisas. Por isso o tempo tem de achar descanso... Se o tempo só corre no nosso corpo, a gente não tem como pensar a vida que escapa enquanto os ponteiros que marcam esse tempo corre, e assim acabamos por não conhecer verdadeiramente muita das presenças que constroem uma vida.

Encontramo-nos e exercitamos presença para que ela não escape, semanalmente. A presença é um exercício cansativo porque faz com que tenhamos atenção no que estamos fazendo e que o corpo se volte para aquilo que acontece. Construimos a partir do exercício do encontro uma maneira de dispor nossos corpos para atenção necessária para que os pensamentos sobre nossa realidade aconteçam. Chamamos assim de assembleias comunitárias, o laboratório da presença e do encontro.

Estou no Camará desde os quatro anos, uma pessoa levou *nóis*, mas não lembro. Se não me engano foi a filha da amiga da minha mãe que morava aqui no bairro. Minha irmã foi junto (...). O Camará traz aprendizado. Estudo. Na escola só passa lição, no Camará a gente aprende mais sobre a cultura popular brasileira. E eu gosto de estudar isso porque é da onde eu venho né (...). A assembleia é um lugar que a gente pode se expressar. O que a gente gostou e o que não gostou de um passeio, do ensaio da bateria. Na escola não tem momento de sentar e conversar. Gosto de conversar com as pessoas (B. 11 anos, 2019).

A minha primeira vez foi as quartas de manhã, eu cheguei lá e mesmo sem conhecer ninguém foi extremamente e estranhamente confortável, eu diria. Por que, não sei, foi muito receptível as pessoas. Eu gostei muito daquele lugar naquele momento. Quando eu fui à minha primeira assembleia, achei que foi estranho porque era diferente das quartas-feiras, era mais sério, mas ainda tinha um jeito mais descontraído, então, era um tanto sério e um tanto de descontração e eu ficava mais tranquilo. Eu tinha 10 anos na época e eu não sabia como era um lugar que as pessoas estavam sérias, mas podiam falar abertamente o que quisessem. Foi assim que eu conheci o Camará (F. 15 anos, 2019).

Este lugar acontece em trânsito entre as ruas da cidade, se é importante a

cronologia do tempo da maneira como o entendemos, são 22 anos do exercício da presença necessária para botar as coisas do mundo em pensamento. Sentamos em calçadas, pisamos na rua, criamos movimento no espaço. Na área continental de São Vicente, no bairro Quarentenário, acontecem os encontros de um aglomerado de pessoa pequena e pessoa grande que decidem semana a semana continuar nesta rede de efeitos que existe independentemente do nosso querer autônomo, mas que aqui recortamos da amplitude de todos os efeitos, esse punhado de gente que constrói o Instituto Camará Calunga. Conto que este lugar está em constante processo de alteração, no correr do tempo muitos foram os espaços físicos habitados, os pensamentos pensados, os afetos vividos.

Já teve vários lugares para se encontrar, principalmente na casa das pessoas. A gente não tinha sede aqui no Camará, então a gente tinha que toda hora fazer parceria com as escolas, institutos tipo a VIP e o Raul, quando não tinha condição de fazer parceria com esses lugares a gente fazia na rua. A gente ficou bastante tempo fazendo assembleias na rua. Na chuva... passava carro, moto. Depois de anos a gente conseguiu parte da casa de uma moradora. Antes disso foi construído na rua. A gente se encontrava na rua, no bom prato, no campo. Era sempre no bom prato o nosso ponto. No sacolão. A gente tomava café no bom prato e não tinha lugar depois. Na verdade, a gente podia ir pra VIP, as vezes íamos pra lá. A gente tomava café e decidia lá na frente mesmo o que ia fazer com todas as crianças que iam participar da atividade. A gente brincava, ou se tinha algum evento no Camará a gente planejava e confeccionava. A escola entra de férias e o Camará tem um pequeno período que a gente fica sem se encontrar, *tipo* duas semanas, *e aí* no resto do tempo que entrava o lugar das famílias, a casa que as pessoas abriam para a gente poder fazer as assembleias, nas garagens, principalmente. No decorrer do ano fazíamos na rua, em outros lugares mais específicos. (N. 17 anos e F. 15 anos, 2019).

Adentrar este campo territorial é lançar-se a desvelar as tensões que ali se inscrevem pelo poder poderoso. A cidade se funda numa correlação de interesses impulsionado pelas máquinas institucionais do poderio sistêmico e pelos corpos que a este poderio feito de corpos máquinas e corpos gente engendra. A abertura e

compartilhamento do bem privado de uma vida a uma proposição de coabitação coletiva é uma provocação ao que o poder institui como valor: os bens privados, a privacidade. Organizamo-nos em privacidades individualizantes e o convite a abrir este espaço casa em um período de tempo é uma sutil performance de coletivizar o âmbito privado. Esta proposição também indica que os corpos-máquina de poder não se interessam ao querer do corpo-camará de habitar a cidade de maneira que intervém na normalidade da convivência, mas é, ainda, a esse mesmo corpo-máquina de poder pelo qual se segue reivindicando as condições materiais para que o corpo-camará exista. Assim, é nas miudezas e sutilezas performativas e provocativas que se constrói um campo coletivo que possibilite a reprodução de singularidades para então compartilhar momentos em comunidade, em coletivo e momentos singulares.

Desde que a gente entrou até hoje o Camará foi modificando muito até a metodologia de trabalhar, a visão foi mudando também, foi ficando um tanto mais complexa, não sei bem como explicar. Foi mudando também o sistema político que a gente tá. As margens de tudo, e o Camará precisou mudar algumas coisas. Acho que foi ficando um tanto mais sério, em certas partes, mas de um jeito mais amplo, acho que é porque a gente foi crescendo e foi ganhando mais lugar no Camará, fazendo mais atividades. O nosso envolvimento foi ficando mais intenso. O jeito que a gente começou a se portar diante a algumas questões que apareciam, alguns problemas, alguns conflitos, coisa de convivência. Eu acho que teve mudança da gente e uma mudança geral. Dos educadores, da atividade. Entre final de 2017 até agora (F. 15 anos, 2019).

À medida que os modos finitos se encontram geram-se distintos efeitos que se desenrolam em mudanças do contexto no qual estão imersos mentes e corpos. Fazemo-nos concomitantemente aos encontros aos quais estamos dispostos. A cidade emerge do encontro. A matéria do encontro são corpos, humanos e não humanos, mas sempre corpos emitindo signos e sentidos para elaboração que é a construção viva de qualquer cidade e espaços particulares que nela se cria. O todo é composto de múltiplas particularidades. A cidade é composta de múltiplas facetas e corporeidades.

Corpos humanos instituem lugares que são preenchidos de sentidos, práticas, fazeres políticos, culturais e afetivos. O Instituto Camará Calunga é um dos vetores instituídos pela ação de corpos humanos que quando em coletivo elaboram as particularidades de uma cidade. Assim, os sentidos atribuídos ao corpo-camará instituído é um corpo que compõe contrariedades, como todos os corpos humanos e não humanos. Compõe história, institui memória e estabelece assim comunicações teórico-práticas e sempre afetivas com o contexto pelo qual ele forma e se forma, estabelece os traços que capturam a cidade e devolvem a ela o que também é dela por essência necessária: o movimento.

Os movimentos na cidade dizem respeito aos fluxos que permeiam o entre – campo que conecta os fixos da urbe – e assim constituem paisagens que são a mostra dos fluxos e fixos que movimentam, dialogam e geram concordâncias e discordâncias no tecido social. A paisagem está em constante alteração, pois nela, por ela e por meio dela se inscreve as nuances e marcas do corpo-cidade. Há de se ter sensibilidade para captar os efeitos de paisagens ora fixas quanto matéria, mas nem sempre, e cotidianamente flutuantes tais quais os movimentos que levam pensar o que é a cidade como organismo produtor de distintos efeitos dentro de um mesmo campo.

Nela, na cidade, os corpos existem e sem eles não há o exercício da habitação, o território no qual a sociedade contemporânea se configura, o é a partir de códigos interpretados, introduzidos e performados pelos corpos que são por meio dela. Assim, o contemporâneo traz em sua configuração o individual que se instala como ideia e essas ideias são efetuadas pela mente a partir das composições do externo. A cidade, onde habita o individual dentro da vida urbana e a vida urbana como modo de existir no contemporâneo quanto valor, quanto normas e determinações políticas, é cenário de modos de vida diversos (IBÁÑEZ, 2018, p.17).

A cidade e o urbano, entendidos aqui como território onde se efetuam modos de vida e configurações existenciais a partir dos atravessamentos sócio-político culturais, engendram a partir da disposição das aglomerações corpóreas, modos comunitários de existir. Nesses modos comunitários de constituir relações se dão as tensões da convivência com os modos hegemônicos e dominantes que integram o urbano. Ou seja, a comunidade existe em composição com maneiras individualizantes que são parte do



corpo de poder que produz e reproduz efeitos, sendo um deles, a ideia de indivíduo quanto campo de disputa política de valor, de ideia, constituindo um modo de operar frente aos encontros e construção da vida. Aqui pensamos o subjetivo que não é o indivíduo que tudo constrói em si mesmo, mas como um modo feito de outros modos e corpos, feito de outros e com os outros.

São distintas as maneiras de comunidade que habitam dentro da cidade, dentro do urbano. Assim, como manter maneiras distintas de habitar estes lugares a fim de consolidar uma comunidade? Ou ainda, de que maneira iniciar a criação de um modo de ser comunidade para que exista disputa com o modo hegemônico individualista? A partir da disposição em criação de rituais que suscitam, proponham, desenvolvam encontros que movimentam os corpos e mentes em outras direções para além da repetição de um mesmo jeito de existir dentro da cidade, no modo urbano, buscando maneiras de *estar juntos*.

Iniciamos a criação de um modo de ser comunidade a partir da construção de rituais que contraponham os rituais individualizantes hegemônicos. Um ritual é estabelecido a partir de práticas cotidianas que se mantém atrelado aos vetores que constroem aquele campo de realidade. No Instituto Camará um dos rituais pelo qual corpos e mentes se dispõem a estarem juntos são as assembleias comunitárias. Ali os corpos-mentes sentam-se em círculo e neste círculo circunscreve o trabalho imbuído a todos os presentes que é a construção daquele encontro, dos que virão e dos que foram. É espaço de fala e de escuta, de tomada de decisão e reflexão do decidido, onde o Instituto Camará se faz em corpo imerso em processo ritualístico posto que haja constância (qualidade e fazer necessário para o estabelecimento de um ritual), comprometimento e há códigos e combinados que o grupo desempenha gerando sentido.

É interessante esse negócio de assembleia comunitária, se todas as ruas tivessem isso e ia melhorar bastante, todo mundo contava dos problemas e não sei, talvez, não sei, pudesse melhorar alguma coisa, pudesse entender o próximo. É um dispositivo de mudança. Mas depende da pessoa, se ela quiser mudar, depende de muita coisa. Eu acho a assembleia uma coisa muito positiva em relação ao Camará porque até nas coisas oficiais do Camará a assembleia é um dispositivo de decisão que a gente tem. Então eu acho que quando tem um lugar que todo mundo pode falar abertamente e pode fazer alguma no Camará pelo Camará, eu acho que é um jeito deles mostrarem que todo mundo tem uma certa voz lá (F. 15 anos, N. 17 anos, J. 12 anos).

Nesta *egrégora* busca-se a reconstituição de uma rede possível de cuidado, onde reside o esforço de criar e operar relações mais igualitárias a partir de ações recíprocas. Não porque exista benevolência condutora de boas ações, mas coopero com você porque sei que cooperará comigo, assim renasce valores como confiança, acolhimento e cuidado, noções deturpadas pelo corpo-máquina de poder que também constrói um modo de vida de reprodução de valores e ações distintas das quais o corpo-camará mostra querer praticar. Para F., corpo que compõe o corpo-coletivo do Instituto, os rituais vividos ali, neste espaço-lugar-acontecimento em processo suscitam outras noções norteadoras para construção de um jeito de habitar e conduzir a própria vida e suas disposições.

Eu acho que tirar um pouco do ser individual e se tornar um pouco de ser grupo. Sabe, como é eu estar em grupo diferente de cada pessoa no seu bloco. Me tornei uma pessoa mais politizada, eu não tinha nenhum contato com esse tipo de vivência e a política para mim não era nada importante. Os problemas da sociedade não era nada de importante até eu começar a pensar sobre isso e fomentar opinião própria e também o olhar coletivo sobre as coisas. Acho que foi bastante disso que mudou em mim, a minha disposição para fazer várias coisas (F. 15 anos, 2019).

Ser-grupo é posto como a contraposição do ser-individual, sendo que o modo de ser-grupo constrói uma noção outra de singularidade. O processo de singularização mostra-se como distinto do processo de individualização contemporânea. O olhar coletivo não destitui a minha particularidade, mas altera a disposição do corpo-mente a realizar-se enquanto sujeito permeado de outros corpos tendo consciência da existência e importância dos corpos que encontram meu corpo para assim nos construirmos mutuamente. Ser-grupo talvez seja validar a existência do outro com importância similar pela qual valido a minha própria.

O ritual é o campo onde propomos a constituição de uma comunidade dentro do meio urbano, dentro da cidade, estabelecendo configurações que balizam um modo de existir a partir da organização dos processos pelos quais se dão uma convivência grupal, relações essas que estão negociando permanentemente com o corpo-ideia-dominante<sup>22</sup>.

O corpo-ideia-dominante marca presença a partir de matrizes culturais que subordinam a diferença em prol da implantação e conservação de um poder que restringe

---

<sup>22</sup> IBÁÑEZ, p. 19, 2018.

subjetividades e maneiras de organizações coletivas a partir dos povos que originaram a terra que hoje chamamos nossa. Aqui e agora nos formamos nos e constituímos enquanto ser, sujeito, em meio as misturas eurocentradas e afro-indígenas, e também nossas maneiras de estarmos juntos, nossas organizações sociais. Ibáñez (2018) aponta para o processo de “abigarramiento” que são as formas culturais provenientes dos processos de globalização e da modernização, nas relações econômicas mercantis, nas formas políticas de representação que entraram e tensionaram comunidades indígenas e africanas deteriorando assim as condições de vida. Condições de vida deterioradas criam maneiras de relações igualmente deteriorantes. Os rituais que se conduzem pela intenção de propor outro modo de organização e vivência coletiva podem ter no passado as diretrizes para coabitar o contemporâneo em simultâneo com os tensionamentos neoliberais de degradação das condições de existência. Como então habitar as forças que operam na produção de bens precívalis na busca de um algo permanente? Sendo um algo permanente as experiências comunitárias – “En ellos lo efímero convive con lo que permanece, lo individual convive con la pertenencia grupal”<sup>23</sup> –, como fazer viver comunidades permanentes na produção de afetos de maneira ativa na afirmação da vida e do corpo-mente que quer ser vivo produzindo mais realidade?

Para que se viva em comunidade há de se abrir mão de parte de sua autonomia pelo que é melhor a todos. Suas escolhas individuais não sobressaem ao que o coletivo decidiu como caminho naquele momento. Isso não significa perder sua singularidade, mas antes abraçar as partes de individualidade submetida ao que é bem para todos, para o comum. Para que se viva em comunidade há acordos que não são da ordem das leis institucionais, escritas em peles de papel, mas sim acordos confirmados na pele de cada sujeito que compõe determinada comunidade. Assim sendo, o individual orienta-se não só por suas vontades particulares, essa deixa de ser a única lei de condução do nosso comportamento, no ritual que se constrói as individualidades, e os corpos são convidados a orientar-se a partir dos acordos que constroem o bem comum<sup>24</sup>.

---

<sup>23</sup> IBÁÑEZ, p. 19, 2018.

<sup>24</sup> IBÁÑEZ, p. 19, 2018. IV, defs. 1 e 2; ESPINOSA, 2009, p. ??,

Os processos pelos quais tornamo-nos indivíduos não cessam, posto que, a experiência vivida a partir do Instituto Camará é um pequeno fragmento da vida que se estende para além desse lugar, que é quantitativamente maior a extensão de vida que se reproduz fora dali, mas quando falamos do lugar de dentro, nos referimos a esse espaço de produção e reprodução de uma noção de bem coletivizado comum, ou seja: a produção dos efeitos dos corpos que se relacionam e que pertencem a todos, pois fora algo efetivado a partir da participação singular de cada um.

O coletivo não sucumbe às individualidades; busca, no entanto, valorizar as especificidades de cada ser iluminando singularidades – algo que é único de cada experiência –, e quando se encontram imbricam-se na construção de efeitos de saberes, bens, afetos que sejam úteis ao comum, aproveitado por todos. Útil para Espinosa é o que possibilita a coisa ou bem que dispõe o corpo-mente a experimentar variadas maneiras de afetar e ser afetado. *Quanto mais útil* é proporcional a quanto mais variedade de exposição ao campo das afecções o corpo é disposto. Nocivo é justamente o oposto, o que não impulsiona o corpo-mente a uma variedade de possibilidades de viver distintos afetos, tornando o corpo “menos apto a afetar e ser afetado de muitas maneiras”. Bom e mau está relacionado as noções de útil e nocivo<sup>25</sup>. O útil é a melhor realização do desejo (essência do humano); o nocivo é tudo aquilo que impede a realização do útil. Em termos afetivos, o útil é produção de alegria (aumento da potência, variação positiva da essência), e o nocivo é produção de tristeza (diminuição da potência, variação negativa da essência). Um é realização do desejo, o outro, desejo frustrado. O sentido profundo da política, em Espinosa, é este: a realização do nosso desejo é maior e melhor em coletivo, realização de um *comum* que ontologicamente está sempre aí, para o exercício da vida de todos nós.

É pelas noções comunitárias não suprimirem individualidades, mas reorientarem a condução subjetiva de valoração do comum, que as contribuições de cada sujeito se tornam diferentes, dado que se valorizam as contribuições singulares em prol do comum compartilhado<sup>26</sup>. Priorizando o singular em detrimento do individual, priorizando o coletivo em detrimento do indivíduo, e isso são produções de efeitos a partir da

---

<sup>25</sup> E IV, defs. 1 e 2.

<sup>26</sup> IBÁÑEZ, p. 17, 2018

reordenação de valores contra hegemônicos que garantem a importância do protagonismo das singularidades na construção de uma coletividade em busca da afirmação de uma vida comunitária orientada em um modo de existir que contrapõe as noções *imperialistas* que fundamentam a construção das sociedades contemporâneas.

La comunidad aporta a la vigorización de la singularidade, así como crea el campo propicio para las negociaciones que permiten la convivencia equilibrada y equitativa entre diferentes (...) Concibe la convivencia como re-creación negociada de los acuerdos em “sintonia” con las condiciones y circunstancias de cada momento y lugar, donde se permite el fluir de la vida, donde se potencian las singularidades, que sólo pueden existir en la medida que se encuentran con lo diferente en comunidad<sup>27</sup>.

Ao recuperar a noção de bens úteis para Espinosa – diz respeito ao bem que expõe o corpo a uma variedade de afecções aumentando assim a potência relacional dos corpos – sob a perspectiva da composição de coletivos, entendemos que quanto mais útil é o bem comum, tanto mais este comum compartilhado se constitui em campo de trocas e afecções entre corpos mais complexos ou que adquirem graus de complexidade a partir das contribuições dos efeitos que multicorpos produzem quando se unem. Quero dizer: as experiências compartilhadas que constroem o comum têm de buscar tornar mais espessos os bens que se produzem na partilha, como por exemplo, o investimento da ampliação de bens a serem vividos, espaços novos a serem construídos para que novos e distintos efeitos sejam criados, a produção cada vez mais intensa do pensamento sobre as vertentes que sustentam a realidade e de ações que produzam efeitos em pensamento. Ou seja, “para que existan comunidades tiene que haber algunas cosas que se comparten, un campo compartido que genera espacio para lo común”<sup>28</sup>, e a partir das coisas que se compartilha, orientar-se na condução da construção de um bem útil para consolidação do comum.

É na produção de um espaço que enfatiza a amplitude de uma variedade de vivências afetivas que no Instituto Camará nasce a experiência percussiva como um bem a ser vivido pelo corpo coletivo. A percussão situada no berço da cultura popular

---

<sup>27</sup> OLIVEIRA, Osvaldo Antônio de. p. 27, 2003 *apud* PEREIRA, Edimilson de A. & GOMES, Núbia P. M. Mundo encaixado: significação da cultura popular, 1992: 350-351.

<sup>28</sup> OLIVEIRA, Osvaldo Antônio de. 2003.

brasileira carrega na memória de seu fazer resistências ancestrais que se perpetuam em meio ao ressoar rítmico dos tambores. Da travessia do atlântico à chegada ao desconhecido, na percussão afro e brasileira reside a luta pela manutenção de identidades, subjetividades, vida que obrigada ao apagamento faz da memória a ferramenta de persistência para lembrar-se do que se viveu. Aí reside um sentido forte na perpetuação da música brasileira de raiz africana, a necessidade de cantar e tocar o lamento para que não esqueçamos a forte história de luta, dor e insistência que carregamos. Assim, o ritmo, a dança, o canto – o batuque – é para que não se esqueça, é a herança da cultura afrobrasileira.

Nos ensaios a sensação de tocar é doída muitas vezes. Hoje não tanto mas antes era muito doído porque doía mesmo, era cansativo, mas mesmo com a dor, quando a gente começava a tocar uma certa música ou pular, começar a gritar, dava muita energia. Uma energia superpositiva. (F. 15 anos, 2019)

O não esquecimento, a lembrança, a memória, são estratégias para que se recuperem identidades. A herança colonial sob a qual nos formamos agiu primeiro negando corpos indígenas e corpos negros, inaugurando tais categorias (negro e índio) para definir e atestar diferenciações. A diferença no pensamento europeu, como se comprova na história, é a diferença que aniquila todas as vertentes subjetivas de um outro. Assim, a história da música, canto e dança advinda de matrizes afro e indígenas podem ser entendidas como expressões de afirmação das existências negadas.

Para mim é como se fosse uma lembrança, lembrança do que eu não vivi. Toda vez que a gente toca na bateria eu fico escutando na minha mente como se tivesse um coro, um enorme coro, eu acho que é só na minha cabeça. É muito sinistro e muito legal, aí eu toco mais forte. Escuto cantando um coro de pessoas, um coletivo, eu imagino que seja um monte de espíritos que tocavam essas músicas antes e sentiam energia boa e mandavam energias boas e estão lá com a gente cantando enquanto estamos tocando. É toda hora que a gente toca uma música assim eu fico escutando, sempre mesmo. Eu fico pensando: será que é só eu ou tem mais alguém escutando? Eu não vejo, só escuto (N. 17 anos, 2019).

As referências musicais do Grupo Percussivo Afro-Calunga estendem-se do samba-enredo e do samba-reggae ao afoxé. Expressões dos traços do que compõe a cultura nordestina. Ritmos intimamente ligados às tradições religiosas de matrizes africanas, ritmos vividos em caráter de resistência já que em distintos momentos da história também serviram como estratégia para sobrevivência. São também ritmos e ritos que conversam com o íntimo da memória dos que aqui habitam visto que constrói um diálogo com a formação do corpo coletivo que habita a Área Continental de São Vicente, São Paulo. Resgatando o explicitado na introdução desta história, lembramos que essa fora uma região povoada em meados da década de 1980 pelos corpos e forças nortistas e nordestinas.

No lugar que se inaugura a partir da produção da arte rítmica, muitos afetos ressoam junto aos tambores, fazendo até parecer “que todo mundo veio do Nordeste quando começa a tocar samba-reggae. Todo mundo sabe o ritmo. Na hora do samba-reggae todo mundo é irmão” (N. 17 anos, 2019).

É a partir de sensações como essa de unidade e pertencimento a um só lugar que confirmamos uma produção intensiva de afetos a partir da ação percussiva. Afetos que ressoam em diversos traços de alegria, criando o campo onde esses afetos podem ser experimentados a partir do lugar simbólico-material que é a arte. A partir do movimento do corpo empregado numa ação envolvendo o ritmo, a dança e o canto, se acarreta uma totalidade de implicação de corpo e mente para que se produza essa particular manifestação artística. O corpo imbuído nesse processo é capaz de vivenciar o que Espinosa (2009) afirma: quanto mais alegria sentimos, tanto mais somos fortalecidos em potência, o que é sempre resistência à tristeza.

Eu me sinto muito bem, ótima mesmo. É como se tivesse liberando energias ruins na caixa e cada batida vem uma energia boa. Eu sinto muita felicidade, muita emoção, alegria, tudo que é de bom e positivo é o que sinto todas as vezes que tem bateria ou algo relacionado. (J. 12 anos, 2019)

A trilha sonora que liga passado e presente é uma trilha percussiva, é o batuque. O batuque não só como expressão de dança onde se acompanha instrumentos percussivos, mas como “ritmo do corpo: (...) o ritmo sincopado das cantigas, a viola e os instrumentos

de percussão acentuam a plasticidade dos corpos. No Batuque, o espírito recreativo soma-se às heranças étnicas, constituindo laço importante entre o passado e o presente”<sup>29</sup>.

O laço entre passado e futuro é a extensão onde se conservam os saberes reproduzidos através da musicalidade, do ritmo, da história. O batuque é o espaço vital<sup>30</sup> onde o batuqueiro assume uma identidade coletiva como traço subjetivo. Assumir-se batuqueiro é situar-se no mundo a partir de um referencial, é assumir pertencer a um lugar e se entender como parte desse bem comum que aqui identificamos como o “baque”, manifestação que condensa história, memória, saber, ritmo, dança, canto, força, energia, diretriz, referência.

Por exemplo, hoje em dia eu não me vejo sem algo que seja relacionado ao Camará, bateria, instrumento, percussão. Tudo que seja relacionado ao tipo de uma cultura ou algo assim. Eu acho incrível a bateria, eu amo muito fazer o que eu faço. A gente vai triste pra bateria, tipo, aconteceu uma coisa muito triste comigo ontem, eu vou pra bateria e eu saio feliz de lá, como se a gente tivesse trocado energias e eu to triste, eles estão felizes e eles me passam energias feliz e eu fico feliz também. Assim que eu toco eu começo a ficar feliz, dançando. Eu me sinto confortável tocando. A gente pega energia e vai ficando cada vez mais feliz no baque. Você tá assim de cara fechada e você começa a se soltar mais e toca direito, canta, dança e é muito libertador. Eu sinto que eu faço parte disso, se eu não estivesse na bateria eu não me sentiria normal de novo. Agora faz parte de mim ser batuqueira. Ser batuqueira é cultura, mas não só, porque eu me sinto ótima tocando. (J. 12 anos, 2019)

Através do *baque* conhecemos a nós mesmos posto que, para Espinosa, tudo o que sabemos e conhecemos é nosso corpo e as afecções que ele efetua<sup>31</sup>. Assim, ser imersos na experiência percussiva é estar imerso em uma experiência corpórea, e, de acordo com os discursos aqui apresentados, em uma experiência de aumento das potências particulares por meio das afecções de alegria, ou seja, aumento do próprio desejo. Se tudo que sabemos é da relação afetiva do que se passa no corpo como afecção e na mente quanto ideia, logo, para mais conhecer é necessário mergulho profundo no íntimo das afecções. É então no campo das afecções, no contato entre corpos e nas

---

<sup>29</sup> OLIVEIRA, Osvaldo Antônio de. p. 27, 2003 apud PEREIRA, Edimilson de A. & GOMES, Núbia P. M. Mundo encaixado: significação da cultura popular, 1992: 350-351.

<sup>30</sup> OLIVEIRA, Osvaldo Antônio de. 2003.

<sup>31</sup> PAULA, 2009, p. 93.



reverberações de tais interações que este corpo se conserva posto que perpetua o perseverar na existência, se regenera à medida que está em contato com outros corpos e novas e distintas ideias mudando assim o estado corpo-mente que se configura no campo do atual, da realidade, e transforma-se ao gerar movimento afetivo, onde a potência de transformar o campo do possível se manifesta.

Espinosa (2009) afirma que a força do desejo quando estimulado pelo afeto de alegria é mais forte do que quando efeito do afeto de tristeza. O afeto de alegria tem causa determinada pela potência do desejo e pela causa exterior na qual gerou-se o encontro afetivo. Assim sendo, maior é a potência afirmada sob o afeto de alegria, e nós podemos afirmar a experiência percussiva como produtora afirmativa de tais afetos, de acordo com os pensamentos corporais aqui expostos.

O corpo e as ideias se constroem na relação com outros corpos e ideias. Um corpo, como visto, composto por muitos outros corpos, e fazendo-se na rede infinita dos corpos finitos, opera em maneira concordante entre as partes que o constituem, e as efetuações dos multicorpos que formam um só corpo operam de maneira coerente para que exista. Concordância e coerência estão inscritas na ordem do ser, são modalidades *ontológicas*. Por exemplo: os corpos são modos de um mesmo atributo da Natureza, de sua dimensão extensa, material, e por isso todos eles têm algo em comum. Por isso, cada corpo particular está em constante estado de comunicação, relacionando com o fora e comunicando com os efeitos que geram a partir das relações com outros modos. Isto é também parte da construção de um corpo coletivo.

(...) é totalmente impossível que não precisemos de nada que nos seja exterior para conservar o nosso ser, e que vivamos de maneira que não tenhamos nenhuma troca com as coisas que estão fora de nós. Se, além disso, levamos em consideração a nossa mente, certamente o nosso intelecto seria mais imperfeito se a mente existisse sozinha e não compreendesse nada além dela própria. Existem, pois, muitas coisas, fora de nós, que nos são úteis e que, por isso, devem ser apetecidas. Dentre elas, não se pode cogitar nenhuma outra melhor do que aquelas que estão inteiramente de acordo com a nossa natureza. Com efeito, se, por exemplo, dois indivíduos de natureza inteiramente igual se juntam, eles compõem um indivíduo duas vezes mais potente do que cada um deles considerado separadamente. Portanto, nada é mais útil ao homem do que o próprio homem. Quero com isso dizer que os homens não podem aspirar nada que seja mais vantajoso para conservar o seu ser do que estarem, todos, em concordância em tudo, de maneira que as mentes e os corpos de todos

componham como que uma só mente e um só corpo, e que todos, em conjunto, se esforcem, tanto quanto possam, por conservar o seu ser, e que busquem, juntos, o que é de utilidade comum para todos<sup>32</sup>.

O desejo quando encontra outro corpo pode somar, diminuir, ficar até mesmo inalterável. Quando o desejo soma e cresce atrelado a este outro, está assim submetido aos efeitos que conversam com as duas – muitas – experiências. O desejo fica espesso porque mais espesso é o desejo que aumenta pela junção de outro corpo desejanter.

O corpo singular para produzir existência necessita de conservação de sua potencia através da concordância dos multicorpos que constroem um só corpo. Para isso os corpos entrelaçados operam em coerência entre si podendo assim agenciar os afetos que deixam e recebem no contato entre corpos e ideias, a dinâmica se replica na construção coletiva de um corpo formado por multicorpos.

Um corpo coletivo opera através das concordâncias em ação-pensamento, na constância do fluxo desejanter e na comunicação que é própria dança relacional entre as partes. E entre corpos humanos a junção e aumento da potência dos corpos quando juntos é possível pelo que se compartilha de comum: a mesma natureza, serem modos e assim maneiras de serem coisas do mesmo atributo extensão e pensamento, encontrando respaldo no que se compartilha através da semelhança.

As concordâncias são os acordos necessários para que a vida conjunta seja possível, assim corpos dispostos a tal interação podem experimentar o aumento de produção de realidade. Então, em aberturas a disposições afetivas inscritas nas relações, o *conatus* – desejo – envolve estratégia e resistência à medida que habita o campo das paixões, lugar de forças contrapostas já que os afetos que experienciamos são alegres ou tristes, e por meio deles experienciamos força e fraqueza, conservação e destruição, aumento e diminuição. O *conatus* individual atua em um campo passional. Contudo, deste campo pode emergir a atividade como recusa da tristeza que envolve a vida passional, e assim abre-se a possibilidade de escolher outra maneira de traçar o caminho pelo qual o desejo persistirá existindo.

Para a vida se desdobrar em outras possíveis dobras na existência contra camadas de possibilidades ofertadas pelo enrijecimento do modo de fazer-se gente em que o poder

---

<sup>32</sup> E IV, prop. 18, escólio.

soberano institui, há de se ultrapassar a morte passiva em vida do exercício ativo criativo. Identificando assim o contexto no qual nossos corpos estão imbuídos de criar realidade.

São os afetos que constroem grande parte do mundo humano. No campo da política, são paixões que coligam esforços individuais por meio dos quais construímos coletivos. Política são as paixões experienciadas pelo corpo humano individual que no aglomerado das conexões corpóreas e através da conexão afetiva e de ideias conectam corpos de modo coletivo, formando o social. Concebe-se assim o estudo dos afetos como um caminho possível para olharmos os corpos e ideias coletivas e reorientarmos nossas buscas. Abonando uma postura em que pouco se fala da paixão quando o começo e o fim de nosso ser sujeito no mundo tem coro nela mesma.

Foi corpo extensivo em matéria e ideia esse traço de vida intensiva onde correu nosso encontro. Encontrar o outro quando se estabelece uma dança *honest*a entre as singularidades é encontrar e perceber os movimentos autônomos que convidam uma e outra parte a mover-se. Ou seja, o passo dado é sincopado com a efetuação consciente. São os acordos em síncope que vestem o interesse interessado no fazer ritualístico das danças relacionais, e assim rituais são construídos de corpos inteiros e desejos totais que se encontram, uns repercutindo nos outros, numa dança de corpos e instrumentos, sons e afetos, experiência do comum e construção do coletivo. Camará.

## Considerações finais

Que seja possível olharmos pessoas como corpos que são são, antes de tudo, desejo e paixão. São principalmente desejo de persistir na matéria vida e por ela constroem associações mergulhados sob efeitos que não conhecemos, pois cada experiência é particular, mas que saibamos nos aproximar de uma concepção de sujeito mais aberta e mais disponível do que a certeza das determinações.

Somos, enquanto corpo profissional, um efeito em afeto e paixão que atravessa a vida dos indivíduos e a partir deste ponto de encontro novas instituições são criadas ou revistas. Logo, é importante a concepção de que somos mais um atravessamento em infinitos processos pelos quais os corpos estão constituídos e nós pincelamos um fazer encontro que pode se perder na gama de paixões nas quais os corpos perseveram. Ainda, somos corpo de instituição, temos a cara das limitações que o poder poderoso estabelece para cercear o direito natural, o *conatus*, de cada indivíduo.

O serviço social também imerso nas paixões discursivas pode perseverar em seu fazer de maneira passiva à medida que conserva uma produção mesma de ideias, aliás, postura essa que está em sua gênese: a conservação e reprodução de um poder soberano. Quando o Serviço Social é paixão passiva por ser causa externa de um corpo que ao fazer profissional se apega e persevera por meio dele a ação, muitas vezes dita *transformação*, mas que, olhando bem, engendra posturas que mais conservam uma profissão assistencial presa às passividades do Estado e da empresa do que promove uma transformação ativa da própria gênese profissional e seus desdobramentos no presente. E, assim, a crítica – supondo-se um serviço social crítico – torna-se discurso que não sai de si, não produz efeitos. A política é o campo das paixões, mas a passividade política pode engendrar uma política da passividade, sem que nos saibamos reprodutores da ordem social. É uma linha tênue na qual estamos em constante oscilação, no exercício do serviço social, entre o desejo de transformar e a prática de reproduzir.

Quando, dispostos frente a um corpo, contrastamos *conatus*, e assim, talvez possamos desempenhar uma condução de reparar os modos pelos quais o nosso *conatus* perpetua-se no campo das paixões, logo, no campo da política, e assim criar a partir da

faculdade da percepção a inauguração de um outro campo de possibilidade. Contudo, Espinosa afirma que só abandonamos uma paixão passiva por outra de maior efeito de aumento da potência sob o corpo, e contrária à anterior. Assim, nos deparamos com o desafio de refletir sobre as paixões de cada corpo que ali chega e talvez propor um lugar de exercício de conhecimento das causas externas nas quais aderimos tenazmente e quais as relações de tais causas a que o poder institui como modo de existência. Mas para tanto, para que se consiga ser efeito externo a um corpo que suscite outras produções afetivas capazes de contrariar as atuais e posteriormente gerar concordância entre essência (conatus) e afeto que aumenta a potência particular para experimentar lugares mais ativos que passivos movimentando assim o desejo, requer envolvimento atencioso no que diante de nós se desenvolve e se desdobra.

É com a possibilidade de experienciar uma coletividade, como aqui fora narrado e retratado o Instituto Camará, que podemos conceber em nosso corpo na interação com outros corpos que não somos meros profissionais da assistência auxiliando, conduzindo, refletindo a gestão de precariedades de maneira a prestar assistência técnica à vida social. Mesmo que sejamos orientados por uma técnica social, por metodologias que envolvem produção teoria e prática técnica, nunca somos um corpo de fora, nunca estamos fora porque na Natureza infinita a que todas as produções de ordens de realidade são a ela imanentes, não existe exterioridade, não há um fora. Somos então, parte, podemos tomar parte à medida que nos deixamos reverberar e repercutir no corpo os sons e movimentos de outros corpos, ser um com eles. Ser com eles. Ou seja, na experiência coletiva não há maneira de assistir, expectar, toda participação é plena participação.

Assistência social, então, não é assistir ou observar ao social e a ele dar respostas, não é se manter expectando objetos fora de nós. É saber que somos modo-gente conectados com infinitos outros modos, gente e coisas, sons e instrumentos, lugares e histórias, alegrias e tristezas. Somos modo-gente conectados imanentemente a produção infinita de todas as coisas, em relação com outros corpos tecendo assim uma vida.

Pairam dúvidas sobre pistas que neste trabalho fora levantado. Pensar política como uma teia de paixões pelas quais nossas ações são movidas a realizar por meio delas é a possibilidade de buscar compreender verdadeiramente a nossa relação particular e logo coletiva, pensando até mesmo o amplo social.

Assim as dúvidas que pairam é no pensamento do verdadeiro como algo submetido às afecções corpóreas que quando tomadas pela obsessiva paixão não podem ser consideradas como uma verdade essencial. Em Espinosa existe um verdadeiro essencial que é a causa primeira de todas as coisas, o Conatus existencial da Natureza. E, de acordo com pistas de uma conferência em que Marilena Chauí (2019)<sup>33</sup> discute Desejo e Política em Espinosa, ficam afirmativas repletas de dúvidas a serem desvendadas sobre o pensamento da democracia como regime pelo qual aspira nosso conatus, já que só nela exerce-se uma maior pluralidade de ações solicitando ao nosso corpo uma multiplicidade de vivências corporais e de ideias.

A democracia vigente é o campo da insistência passiva dos representantes políticos governando para seus interesses e resistências passivas particulares na existência, ao passo que o povo cujo conatus não cessa, persistem em delegar o poder que é naturalmente nosso, posto que ao que o conatus aspira é por direito natural que vivencie, sendo assim a política a prática instituída para possibilitar tais satisfações.

As pistas e contribuições espinosanas nos conduziram a entender a potência como a essência humana que varia em grau e força. Há a potencia particular de cada corpo, há a potencia de quando corpos se juntam formando um só corpo com maior potencia de que quando experienciada em um corpo individual. Tratamos aqui da potência singular em conexão formando um só corpo e uma só mente de maior e mais forte potência. Isso não significa sufocar o eu, mas quando o eu vivencia o aumento de si, do que se pode quando com outro corpo adequando assim o efeito que vem do outro à sua natureza, afirmamos então a importância de corpos particularmente potentes para um corpo coletivo unitário de maior potência.

Assim o fazer político diz respeito aos conglomerados de corpos ligados por uma causalidade que envolve paixão e logo, envolvem os afetos, como um corpo político, e como o modo corpo e mente humanos particulares, o corpo político produz também ideia, o direito civil, ou seja, direito coletivo. A política e as noções de direito são também ideias dos corpos humanos, da mente humana, do corpo social. A vida política e o corpo social é instituído pela ação humana posto que não há na Natureza disposição intrínseca

---

<sup>33</sup> | Encontro Deleuze e Guatarri: desejo e política. Conferência de abertura Marilena Chauí: O desejo em Espinosa. Set/2019, São Paulo. Universidade de São Paulo.

para construção das leis, para as noções de um fazer político, a disposição de regras. Esses são acordos dispostos a partir de certa autonomia humana em criar realidade e formas de habitar tal realidade.

É na coletividade que alimentamos o conatus, produzindo afetos que instiguem a busca por um algo permanente e que não pereça, e assim na vida política, a partir da produção coletiva afetiva que seja maior e mais potente do que os afetos produzidos individualmente. Então, a afirmação da vida social com condições favoráveis a produção de afetos de alegria e multiplicidade de ideias e corpos interagindo uns com os outros, é propriamente uma reivindicação política como esse campo de ações que favoreçam o conatus social coletivo em detrimento dos desejos tiranos dos poucos.

Pudemos apreender que o que se move quando a arte toca é uma complexidade de nuances e velocidades operando na construção de um corpo, de um significado. O ressoar artístico da alegria é potente, mas pela passividade podemos não usufruir do que a energia sentida em grupo pelos corpos particulares, como dita pelas vozes que deram palavras a esse texto, é capaz de gerar.

A percussão, as ações propostas pelo Instituto são atravessamentos instituídos na experiência particular, e ali é proposto ações que visam reunir os corpos formando um só corpo coletivo, passamos pela instituição de regras que regulam essa vivencia mas que não são autoritárias, permitindo o desenvolver próximo as noções de uma outra maneira de conhecer os efeitos do fora, de noções de respeito ao outro como ser de direito intrínseco ao fato de existir somente. Assim, quanto mais fortes forem os encontros propostos, mais forte são os desejos particulares imbricados nessa experiência. Este lugar é concebido por um campo de forças, da variação de intensidades, da variação do desejo que ora é fortalecido ora enfraquecido em cada experiência particular anunciando que toda particularidade é constituída por multi corpos complexos e um todo que opera entre concordância e discordância, aumento e diminuição da potencia. Assim o é o corpo coletivo que institui a partir de multi corpos particulares um só corpo, que é também campo de tais contradições e dissonâncias.

A vivência coletiva no Camará pode ser entendida como uma vivência íntima, pequena quando em comparação com o todo social. E nessa experiência minúscula é importante atentar a concordância com Espinosa ao compartilhar de um fazer que pensa

direito como isso que é natural, não indo contra o conatus humano, mas sim, fortalecendo-o e promovendo-o a partir da noção que é necessário a construção de uma cultura que pensa direito como necessidade humana para propagação de uma vida mais potente em ação que adormecida em passividade.



*Arquivo pessoal da pesquisadora (2017)*



## REFERÊNCIAS

DIVERSIDAD, Red de la. IBÁÑEZ, Mario Rodríguez. Comunidades Urbanas, Cuaderno de Conversaciones N° 4. Bolívia, 2018.

OLIVEIRA, Helder dos Santos de. Quarentenário e Vila Ponte Nova: a relação sócio-ambiental da população em área de depósito de resíduos organoclorados. 2003. Monografia (Bacharel em Geografia) - Faculdade de Filosofia, ciências e Letras da Unisantos-Universidade Católica de Santos, Santos, 2003.

PAULA, Marcos Ferreira de. Alegria e felicidade: a experiência do processo liberador em Espinosa. 2009. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SPINOZA, Baruch. Ética Spinoza [tradução de Tomaz Tadeu]. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

I Encontro Deleuze e Guatarri: desejo e política. Conferência de abertura Marilena Chauí: O desejo em Espinosa. Set/2019, São Paulo. Universidade de São Paulo.

O encontro é uma ferida. Excerto da Conferência-performance Secalharidade de João Fiadeiro e Fernanda Eugénio Culturgest - Junho 2012.